



CENTRO DE ARTES HUMANIDADES E LETRAS

CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

CLÁUDIA NÚBIA DOS SANTOS ALVES

**O DESCARTE DO TRABALHADOR IDOSO NO CAPITALISMO
CONTEMPORÂNEO E SUA REUTILIZAÇÃO: Elementos que os conduzem ao
mercado informal de trabalho no município de Milagres/BA**

CACHOEIRA/BA

2016

CLÁUDIA NÚBIA DOS SANTOS ALVES

O DESCARTE DO TRABALHADOR IDOSO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E SUA REUTILIZAÇÃO: Elementos que os conduzem ao mercado informal de trabalho no município de Milagres/BA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para a obtenção de título de bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosenária Ferraz.

CACHOEIRA/BA

2016

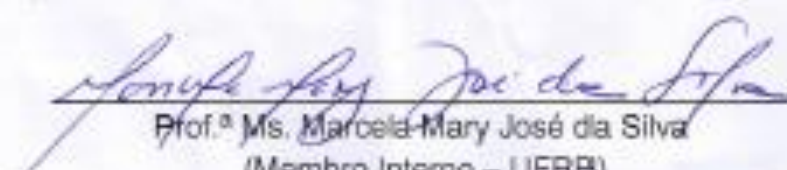
CLAÚDIA NÚBIA DOS SANTOS ALVES

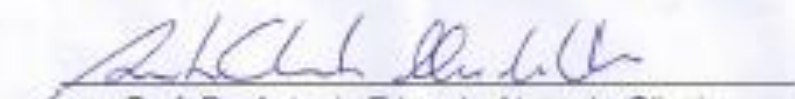
O DESECARTE DO TRABALHADOR IDOSO NO CAPITALISMO
CONTEMPORÂNEO E SUA REUTILIZAÇÃO: ELEMENTOS QUE O CONDUZEM
AO MERCADO INFORMAL DE TRABALHO NO MUNICÍPIO DE MILAGRES - BA.

Cachoeira – BA, aprovada em 01/03/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Rosenária Furtaz de Souza
(Orientadora – UFRB)


Prof.ª Ms. Marcela Mary José da Silva
(Membro Interno – UFRB)


Prof. Dr. Antonio Eduardo Alves de Oliveira
(Membro Interno – UFRB)

Aos

meus pais Claudionor Alves e Olívia Pinto

À José Alves, meu avô (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Primeiro a Deus, dele é toda honra e glória. A gratidão a meu pai Claudionor dos Santos Alves, minha avó Olívia Araújo Pinto é enorme, pela compreensão, pelo zelo, por acreditar e sonhar o meu sonho, pelas vezes que vibraram comigo, mesmo diante das vitórias mais banais.

Meu pai, este homem aguerrido que sempre foi pra mim, exemplo de amor, responsabilidade, obrigada por nunca ter descreditado de mim. Agradeço pelo encorajamento, por ter compreendido as minhas escolhas, respeitando sempre as minhas decisões e nos momentos de crise de identidade me prestou assessoria afetiva, buscando me encorajar todas as vezes que senti medo. Agradeço pelas vezes que me alertou que “Levar o preconceito em consideração é criar uma barreira para o meu crescimento”.

Minha avó Oliva, muito obrigada por esse amor do tamanho do mundo, pelo apoio, pelas compreensões e também pelas incompreensões. A felicidade me invade em saber que estamos a celebrar juntas esse momento. Obrigada por ter brigado por mim, junto com meu avô Zé Preto. Incontáveis foram as vezes que eu agradei a Deus em silêncio, pelas vezes que eu chegava em casa, e lá estava, velhinha, encurvada, mas estava ali, hoje a gratidão é enorme. Minha avó, existe alguém aqui na terra que te ama muito, esse alguém sou eu!

Quero agradecer às minhas amigas que compreenderam a minha ausência ao longo desses quase cinco anos, e me fortaleceram quando aqui cheguei, pensando não conseguir suportar viver essa realidade, obrigada a cada um de vocês meus amigos queridos. Edson, que tanto me deu forças ao me dizer que eu iria conseguir superar a saudade de casa. Heitor, Denilda, Neide, Antônio, Damiana e Railton, por sempre me receberem na vossa casa com tanto carinho, Elias, Fábio Reis, suas visitas à nossa casa, para o almoço, ou para o café, eram muito agradáveis. Agradecimento especial às minhas companheiras de moradia, Claudisia e Poliana, passei muitos momentos felizes com vocês, foi muito doce.

Agradecer à minha companheira de quarto no último período, Carine Meireles, por ter me tolerado, sempre muito humana e solidária. A minha supervisora de estágio Carmel, a Neilton Andrade, às minhas vizinhas, aos meu professores, em especial,

Marcela Mary, Bruno Durães, Luis Flávio Godinho, Henrique Rozendo, Sílvia Arantes, Edgilson Tavares, Heleni Ávila, Fabrício Fontes.

Quero fazer um agradecimento especial à minha orientadora de monografia professora Dra. Rosenária Ferraz pela paciência e experiências passadas no decorrer deste trabalho, mesmo sem me conhecer acreditou em mim, não tenho palavras para expressar o quanto foi bom o ter conhecido nessa última etapa da graduação. Aos membros da minha banca examinadora da minha monografia, professora Msc. Tainara Souza e professora Msc. Marcela Silva.

Meu fiel agradecimento aos funcionários do CAHL (Centro de Artes Humanidades e Letras), principalmente a Hadson do NUAC (Núcleo Acadêmico), sempre prestativo e educado. Aos servidores da PROPAAE, (Pró Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis), a todos os (malucos beleza) do CAHL, aos estudantes hóspedes e funcionários da residência universitária Maria do Paraguassu e também à toda comunidade cachoeirana e são felista, cidades maravilhosas.

A todos os idosos que participaram da pesquisa e àqueles idosos que de alguma forma este trabalho poderá contribuir.

E por fim, o agradecimento à todas as pessoas que fizeram parte desse processo de construção intelectual e humana.

Obrigada a todxs!

RESUMO

O estudo proposto nesse trabalho visa empreender uma discussão acerca do envelhecimento do trabalhador no capitalismo contemporâneo e as motivações que têm levado os trabalhadores idosos a se inserir no mercado informal de trabalho no município de Milagres/BA. O idoso é descartado pelo capital para o trabalho regulamentado, experimentando uma velhice pobre e desprotegida. Resultado do enfraquecimento dos sistemas públicos de proteção social e das estratégias mercantilizadoras das políticas sociais, promovidas pelo projeto neoliberal, agora é 'obrigado' a retornar ao mercado de trabalho. Nesse trabalho, busco trazer ao centro da discussão o envelhecimento como uma questão de classe social e não simplesmente uma questão geriátrica, ou, especificamente, de política pública de assistência social, pois, não se pode estudar o envelhecimento, que é um tema multifacetado, isoladamente, considerando apenas alguns aspectos a ele atrelados como, por exemplo, a decadência física. As questões relacionadas ao envelhecimento e trabalho ainda são escassas e pouco discutidas. Faz-se necessário que a problemática social do envelhecimento seja pensada a ponto de compreender a realidade do envelhecimento, respeitando suas particularidades e configurações, segundo as condições materiais as quais esses idosos estão submetidos. Nessa análise, abordaremos a realidade do idoso, sem as condições de acompanhar o ritmo e as exigências de aceleração da intensidade das atividades laborativas, que por sua vez são necessárias para que o capital recomponha suas taxas de lucratividade no cenário de retração imposta pela crise, buscando outras formas de inserção. Nesse sentido, busco verificar as condições que têm influenciado o ingresso do idoso no mercado informal de trabalho no município de Milagres Bahia.

PALAVRAS CHAVE: envelhecimento, velhice, trabalho, informalidade

ABSTRACT

The study proposed in this work is a discussion of workers aging in contemporary capitalism and at the same time reflect what reasons has led older workers to enter the informal work in the city of Milagres/BA. They are discarded by capital for regulated work, the old worker experiences a poor and unprotected old age, weakening the fruit of public social protection systems and commodified strategies of social policies promoted by the neoliberal project, now it is in 'obligation' of return to job market. In this work I seek to bring the center of the discussion aging as a matter of social class and not just a geriatric matter or specifically in public welfare policy, because you can not study aging, which is a multifaceted issue, alone, considering only some aspects linked to it such as physical decay. The issues related to aging and work is scarce and little discussed and it is necessary that the aging of the social problem is thought in order to understand the aging reality, focussing in their particularities and configurations depending on the material conditions which these elderly are subjected. This analysis will address the reality of old, when he no longer has condition to keep pace and acceleration required by the intensity of work activities, which in turn are necessary for the capital recompose their profitability rates decline scenario imposed by the crisis seeking, other forms of integration, seeking to verify what conditions have influenced the elderly joining the informal labor market in the municipality of Milagres City – Bahia State.

KEY WORDS: aging, old age, work, informality

LISTA DE SIGLAS

BPC- Benefício De Prestação Continuada

EBES- Estado de Bem-Estar Social

FGTS- Fundo de Garantia de Tempo de Serviço

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

OIT- Organização Internacional do Trabalho

ONU- Organização das Nações Unidas

OMS- Organização Mundial de Saúde

PIB- Produto Interno Bruto

SPA-*salus per aquam*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO DE CRISE DO CAPITAL	
1.1 Concepções acerca da velhice e do envelhecimento.....	22
1.2 Envelhecimento e o mundo do trabalho: limites e desafios.....	24
2.ADEUS AO TRABALHO? TRABALHO, DESEMPREGO, PRECARIZAÇÃO E INFORMALIDADE	
2.1 A centralidade da categoria trabalho.....	34
2.2 Precarização, informalidade e desemprego no capitalismo contemporâneo.....	40
2.3 Aparências no fetiche do consumo: decifra-me ou te devoro.....	46
3.O DESCARTE DOS TRABALHADORES IDOSOS E SUA REUTILIZAÇÃO MERCADO DE TRABALHO INFORMAL NO MUNICÍPIO DE MILAGRES-BA	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXO.....	68

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a “problemática social do envelhecimento¹” do trabalhador no capitalismo contemporâneo, tendo em tela deste estudo as particularidades que revelam o retorno do trabalhador idoso ao mercado de trabalho no município de Milagres/BA. A abordagem do tema envelhecimento sempre foi algo presente na minha trajetória pessoal. A aproximação com as questões vinculadas ao envelhecimento no meio acadêmico se deu a partir do meu ingresso na disciplina optativa do Curso de Serviço Social da UFRB, Gerontologia. Nesta, pude amadurecer o debate do envelhecimento alicerçado em uma perspectiva crítica da tradição marxiana, compreendendo o envelhecimento como uma condição inexorável que atinge todas as classes sociais. Nesse momento, se fez importante priorizar a condição de classe como elemento central no detalhamento das questões levantadas nesse trabalho.

Problematiza-se aqui, o envelhecimento dos trabalhadores destituídos dos meios de produção. Atento-me a uma exposição do movimento do capital que é submetido às necessidades de acumulação e reprodução ampliada, através do trabalho. O idoso aposentado ao retornar ao mercado de trabalho tem consciência dos mecanismos de controle que atingem o seu tempo de envelhecer, das contradições de interesses pelas quais eles estão submetidos? Busca-se compreender de que modo a força de trabalho é expropriada e explorada pelo capital com o advento da aposentadoria. Além disso, como um ponto bastante relevante, buscarei tratar sobre os diversos mecanismos de realização da mais-valia, pelo capital, que na vida desses trabalhadores idosos, se realiza através do consumo de bens e serviços. Este debate assume em relevo um escopo necessário neste trabalho.

O envelhecimento é hoje objeto de estudos científicos, assim, questiona-se a definição dos que são considerados velhos. Na dimensão biológica, como assinala NERY, (2001), o envelhecimento é definido como o “processo de mudanças universais

¹a expressão “problemática social” da velhice ou do envelhecimento é utilizada sob aspas, pois não se considera que o envelhecimento ou velhice pelas restrições físicas, nos papéis sociais, comportamental, dentre outras, seja um problema social para todos os idosos de uma população. Constitui um problema social para determinada classe destituída de propriedade, exceto da sua força de trabalho, considerando-se a sua vulnerabilidade em massa dessa classe, principalmente, quando envelhece perde o valor de uso para o capital. (Teixeira, 2008)

pautadas geneticamente para a espécie e para cada indivíduo, que se traduz em diminuição da plasticidade comportamental, em aumento da vulnerabilidade, em acumulação de perdas evolutivas e no aumento da probabilidade de morte” (NERY, 2001, p. 46). Em outras palavras, além do declínio físico, há a perda de papéis sociais. No entanto, não se pode perder de vista que coexistem fenômenos de natureza, social, econômica, biológica e psíquica, importantes para diferentes formas de envelhecer; sendo necessário, pontuar nesse contexto, que o envelhecimento não é experimentado igualmente por todos os trabalhadores, como apontei no parágrafo introdutório. Para alguns, o envelhecimento é um período carregado de significados positivos, é o período de descanso das atividades laborativas, filhos criados, ou seja, chega a hora de aproveitar a aposentadoria. Para outros, envelhecer é sinônimo de doenças, perda de papéis sociais, familiar e produtivo. A ausência de trabalho para a população economicamente ativa quase sempre significa desemprego, e este é um problema dos países em desenvolvimento e do capitalismo avançado².

A ausência do exercício do direito à aposentadoria dado ao não cumprimento dos deveres com relação à previdência social ou mesmo o salário defasado são alguns dos fatores que têm levado o idoso a situação de pobreza absoluta. Soma-se a isto, o fato de que o idoso ao tentar reingressar no mercado formal de trabalho encontra pela frente grandes dificuldades. Implicando na diminuição da atividade econômica e do incremento de custos com a saúde, ou a decorrência de filhos que retornam para a casa dos pais, conferindo a eles novas responsabilidades, que até duas décadas não eram tão expressivas.

Outro fator observado é a sua permanência como chefe de domicílio, devido ao desemprego dos filhos ou insuficiência da pensão ou aposentadoria para arcar com o orçamento doméstico, os idosos têm buscado no mercado informal uma forma de complementar os ganhos. Essas tendências já se mostram evidentes nos levantamentos

² O termo capitalismo tardio foi elaborado por Werner Sombart (1863 – 1941), que classifica as fases do capitalismo como juventude, maturidade e velhice (Frühkapitalismus, – em alguns momentos Mandel denomina o período de terceira idade do capitalismo. Sombart explica que todo sistema econômico surge a partir da estrutura de outro sistema econômico (no caso do capitalismo, Frühkapitalismus – refere-se ao surgimento do capitalismo, onde ele convive com o feudalismo, o período vai do século XIII a metade do século XVIII); com o seu desenvolvimento existem períodos em que ele passa a exibir de forma relativamente pura suas próprias características (Hochkapitalismus – de metade do século XVIII até a deflagração da Primeira Guerra Mundial); e, por fim, o período de desaparecimento ou retração do sistema econômico (Spätkapitalismus – começa a partir da Primeira Guerra, e tem como característica mais importante mudanças na estrutura interna do capitalismo).

feitos pelos estudiosos do envelhecimento. Resta, no entanto, saber se elas se concretizam da mesma forma no município de Milagres, e quais suas especificidades.

Nessa perspectiva, para tematizar essa particularidade do envelhecimento, que vai além do declínio da força física, e falta de papéis sociais, é importante indagar os imperativos que levam o envelhecimento a ser considerado como um problema para o capital. Como os idosos vivenciam na contemporaneidade esta problemática, e identificar os fatores que resultaram o retorno do trabalhador ao mundo do trabalho, em Milagres. No contexto desse retorno, localiza-se a discussão no interior do eixo: Velhice – Aposentadoria – Trabalho.

Portanto, busca-se compreender a problemática social do envelhecimento, principalmente para aqueles idosos destituídos de propriedade (exceto a sua força de trabalho), resultante da vulnerabilidade social, degradações, desvalorização, especialmente com o avanço da idade cronológica e com o desgaste da força de trabalho. Sobre esse prisma, é relevante tratar uma forma de alertar as diversas facetas da exploração do capital sobre do trabalhador idoso, ou seja, as condições econômicas, sociais, pobreza, desemprego, desvalorização social, entre outras. Eis um grande desafio, visto que a literatura que trata este tema é extremamente reduzida. Nesse cenário, a nova lógica estabelecida pelo capital no bojo da reestruturação produtiva³, para compreender como a pauperização da população envelhecida se expressa na contemporaneidade e quais os de fatores e as causas que os têm corroborado o retorno ao mercado informal de trabalho no município de Milagres/BA.

A relevância em tratar do tema em debate se mostra evidente, ao passo que quantidade expressiva dos trabalhos publicados problematiza o envelhecimento apenas como uma questão geriátrica. Portanto, faz-se necessário tematizar a problemática do envelhecimento do trabalhador como uma das expressões da “questão social” na atualidade, não somente pelo crescimento vertiginoso desse contingente, o que pressupõe a necessidade de políticas públicas, mas também pelas formas de proteção que se contradizem, com relações de poder e interesses definidos.

³ Ver ANTUNES, R. L. C. Adeus ao Trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7a. ed. ampl. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000

Cabe ressaltar que o interesse pela temática não é recente e se deu a partir de motivações pessoais, de convivência doméstica e também fruto de 04 (quatro) anos de percurso acadêmico me debruçando sobre a temática do envelhecimento. Nesse trabalho, tive a oportunidade de trazer questões associadas ao envelhecimento que vão além da fragilidade física e do agravamento das doenças decorrentes do processo natural do envelhecimento. E na condição de estudante de Serviço Social surgiram alguns questionamentos envolvendo os idosos e o mundo do trabalho. Sendo a força de trabalho o único bem que o trabalhador dispõe para o capital, quando ele envelhece e se afasta do processo produtivo de mercadorias, como os idosos tem vivenciado esse afastamento? Que elementos contribuem para o seu ingresso em uma nova jornada de trabalho? É por motivações econômicas ou subjetivas?

A motivação em escolher desenvolver um estudo em Milagres/BA se deu pelo fato de entender que dessa forma eu poderia contribuir com estudos da realidade dos idosos no município em que resido, para possíveis consultas dos órgãos gestores que desejem implementar políticas voltadas para essa população.

A hipótese da pesquisa acerca do envelhecimento do trabalhador e sua forma de reutilização na contemporaneidade é que ao tentar negar a problemática do envelhecimento do trabalhador como expressão da “questão social”, o capital homogeneíza e dissimula as desigualdades sociais decorrentes da degradação, desvalorização e desgaste da força física, tentando modificar o sentido do trabalho na vida daqueles que envelhecem sob a lógica do capital. Por outro lado, o trabalhador idoso enfrenta grande dificuldade de se reconhecer como explorado e descartado. Isso, decorrente das estratégias assumidas pelo capital de captura da subjetividade dos mesmos.

Desse modo, o envelhecimento do trabalhador se dá entre a mediação com o capital e o Estado, cada vez mais seletivo e desigual pela política previdenciária, a fim de garantir uma melhoria nas condições financeiras, o idoso se vê ‘obrigado’ a ingressar na informalidade.

Na trajetória da presente pesquisa, buscou-se, em todos os momentos, lançar um olhar rigoroso aos dados, através de uma análise dialética crítica da realidade que,

enfim, superasse a pseudo-objetividade⁴. Segundo Hobsbawm (1982), é tarefa da ciência ultrapassar, “passar das aparências para a estrutura interna oculta do real. Portanto, o tema do retorno do idoso ao mercado de trabalho foi destrinchado, no sentido de desvendar as múltiplas determinações da totalidade concreta e que não estavam à mostra na realidade que estão expressas no cotidiano, como bem exemplifica, Karel Kosik, em *A Dialética do Concreto*, “a cotidianidade é o mundo fenomênico em que a realidade se manifesta de um certo modo e, ao mesmo tempo, se esconde” (KOSIK, 2010, p.83). Dada a quantidade de trabalhos e suas variadas formas de abordagem, escolhemos por estudar o emprego informal desenvolvido por idosos, na cidade de Milagres Bahia. No decorrer da pesquisa considerou-se importante também conhecer os idosos que vivem no campo. Desse modo, a pesquisa desenvolveu-se, inclusive, junto a alguns trabalhadores rurais que residem em comunidades pertencentes ao município, como o Ponto e Tartaruga.

Sobre o perfil da cidade podemos discorrer que Milagres é uma cidade interiorana, localizada na mesorregião centro sul baiana, possui aproximadamente 11.659 mil habitantes, PIB per capita, 5.020,79 reais (IBGE, 2010). A principal atividade econômica desenvolvida no município é no ramo de serviços. Já as atividades desenvolvidas pelos pesquisados são as seguintes: taxistas, feirantes, carregadores, vendedores, agricultores, comerciantes, etc.

Limitamos o campo de estudo dos trabalhadores com escolaridade mínima de 1º grau incompleto, de ambos os gêneros, idade igual ou superior a 60 anos. Essa limitação se mostrou de fundamental importância para que conseguíssemos explorar os resultados com uma maior argúcia. Já no que concerne à entrevista semiestruturada, foi pensada como um instrumento para a pesquisa de campo, as entrevistas orientadas por tópicos, facilitando o diálogo com os trabalhadores nos relatos de suas experiências subjetivas. Foram entrevistados 10 trabalhadores informais, sendo 02 do sexo feminino e 08 do sexo masculino. Conforme Ana Amélia Camarano,

⁴ Consultar ADORNO, T. Wiesengrund – *Gesammelte Schriften*, In: 20 Bde. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft - 1997. Citado como GS. _____. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Edunesp – 2008.

17% das pessoas idosas trabalhavam, das quais a metade era aposentada. Esse percentual é bastante diferenciado por sexo. A grande maioria (76,7%) é composta de homens. Destes, 51,1% são aposentados que trabalhavam. A coincidência entre trabalho e aposentadoria é menor entre as mulheres. Do total das idosas, 3,2% trabalhavam e eram aposentadas. (CAMARANO, 1999).

A idade dos entrevistados variou entre 63 a 78 anos. São homens e mulheres com um perfil marcado pela origem rural, pela baixa escolaridade (no máximo quatro anos de estudo) e baixa renda (entre um e dois salários mínimos).

As entrevistas foram conduzidas tentando deixar livre o espaço para o diálogo, no intuito que o depoente discorresse sobre o universo do trabalho, suas experiências e percepções. As perguntas surgem não apenas através dos questionários de entrevistas, como também em torno dos fatos narrados, alimentando o diálogo. “Essa postura que explora a associação mais livre com a colocação de algumas questões mais amplas que visam, na maior parte das vezes, ensejar a própria revisão da vida para conhecer mais aspectos da trajetória”. (DELGADO, 2007).

Entendendo a metodologia como um instrumento de abordagem da realidade, iluminado pela teoria de análise marxiana, procura-se desvendar o processo de envelhecimento inserido no movimento econômico/social. Dessa forma, o caminho metodológico utilizado inicialmente nesse trabalho envolveu pesquisa documental, através de fontes primárias, como livros consagrados no tema, dissertações de mestrado, discussões contemporâneas acerca da temática do envelhecimento, legislações vigentes, documentos oficiais produzidos pelo governo, e por fim pesquisa de ordem qualitativa.

A pesquisa bibliográfica se deu a partir de nomes consagrados na discussão como: Ricardo Antunes (1997 e 1999), David Harvey (1999), Sérgio Lessa (1996), Karl Marx (1998), Solange Maria Teixeira (2008), Marilda Iamamoto (2007), Ana Amélia Camarano (2001) e outros.

Foi um instrumento importante, compreendendo-se como de importância fundamental para clarificar minhas proposições acerca do caminho que eu desejava percorrer. O diálogo com os teóricos das categorias relacionadas ao envelhecimento e trabalho foi o ponto inicial na delimitação do meu objeto de pesquisa. Ademais, como expõe Gonçalves.

A pesquisa bibliográfica é “o primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa; sua finalidade é conhecer as diferentes contribuições científicas sobre o assunto que se pretende estudar” (GONÇALVES, 2005, p. 58), ou seja, busca-se revisar a bibliografia existente sobre determinada temática. Ainda segundo Antônio Carlos Gil, existem grandes vantagens de se realizar uma pesquisa bibliográfica,

“A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço”. (GIL, 2007, p. 50).

Portanto, a pesquisa bibliográfica se tornou uma ferramenta importante para trazer opiniões dos estudiosos no tema e suas experiências vivenciadas. Nesse momento o meu papel principal foi o de conectar as categorias estudadas na tentativa de buscar respostas para as questões levantadas, que foi a problematização do envelhecimento do trabalhador dentro dessa lógica de exploração e descartabilidade.

Já a pesquisa de campo foi realizada através de um formulário semiestruturado, dadas as suas vantagens, por permitir alcançar um maior número de entrevistados, menores gastos e não expor os pesquisados. Essa se mostrou como o instrumento mais adequado para a coleta dos dados requeridos. No roteiro de entrevistas continha questões relacionadas a trabalho, aposentadoria e informalidade.

No que concerne à pesquisa de natureza qualitativa, visto que as questões levantadas não se adequariam a instrumentos quantificáveis naquele dado momento, como destaca Minayo, “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. (MINAYO, 1994). Isso significa compreender e desvendar os processos nos quais o meu objeto está inserido, captando os elementos que não se manifestam de imediato na fala dos entrevistados, requer uma maior argúcia em torno das categorias analíticas eleitas. Ainda segundo Goldenberg,

A pesquisa qualitativa dá vida às percepções e aos sentimentos dos entrevistados sobre o fato investigado, além de possibilitar o estudo de fenômenos que não podem ser quantificados. Ela ainda se caracteriza pela

profundidade na investigação, indo para além da aparência (GOLDENBERG, 2009).

Conforme Jarry Richardson, “O método qualitativo, difere, em princípio do quantitativo, à medida que não emprega um diferencial estatístico com base do processo de análise de um problema. Não pretende medir ou numerar categorias homogêneas (RICHARDSON, 2012, p. 79).

Já no que concerne à pesquisa de campo, afirma Richardson ser “uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa A a uma pessoa B”. (RICHARDSON, 2012, p. 207). Corroborando com a idéia de Richardson, afirma Gil: “a pesquisa de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação dos seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação”. (GIL, 2007, p. 57)

Os sujeitos da pesquisa foram trabalhadores informais, com idade igual ou superior a 60 anos, constituindo um público de camelôs, feirantes, carregadores, comerciantes, trabalhadores rurais, entre outros. A entrevista foi analisada partir da técnica análise de conteúdo que, segundo (BARDIN, 2009, p. 57), “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo, das mensagens, indicadores (quantitativos ou não)”. As entrevistas foram coletadas em dezembro de 2015 no município de Milagres, na zona urbana e rural. Além da entrevista semi-estruturada, esse trabalho também dispõe de gravação dos depoimentos coletados, com fragmentos inseridos no fim desse trabalho. Foram consideradas variáveis referentes a escolaridade, ocupação, renda e composição familiar.

Após a coleta, realizou-se a análise e interpretação dos dados. De acordo com GIL (1997) “estes dois processos, apesar de serem distintos, eles aparecem sempre relacionados”. A análise tem a finalidade de organizar e sumariar os dados de forma que ofereça respostas ao fenômeno estudado.

Este estudo se fez uma boa oportunidade de análise, pois a escolha deste tema, não tem uma motivação simplesmente de interesse científico, mas é revestido de um caráter social, a fim de subsidiar uma futura contribuição, através do levantamento de

material de base científica para a melhoria das políticas públicas para os idosos no município de Milagres.

Esse trabalho divide-se em três capítulos. De modo que no 1º capítulo, abordaremos questões referentes ao envelhecimento no contexto de crise do capital e também sobre os limites e desafios impostos à população idosa no mundo do trabalho. No 2º capítulo apresentamos uma discussão acerca da centralidade da categoria trabalho na sociabilidade burguesa desemprego, precarização e informalidade no capitalismo contemporâneo, e, por fim, um tópico referente à mercantilização da velhice como um novo campo de expansão do mercado consumidor. No 3º capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa de campo sobre as principais condições que têm levado os idosos do município de Milagres a se inserir no mercado informal de trabalho.

1. ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO DE CRISE DO CAPITAL

O primeiro capítulo desse trabalho tece algumas considerações acerca do envelhecimento da população, como projeções e outros elementos associados à essa fase da vida, traz ainda uma discussão sobre trabalho e envelhecimento na contemporaneidade. No que toca a força de trabalho trarei um desenvolvimento breve sobre os limites e desafios ocasionados pelo avanço do tempo de vida dos trabalhadores quando perde a condição material de produção, decorrente da degradação física.

1.1 CONCEPÇÕES ACERCA DA VELHICE E DO ENVELHECIMENTO

Para entendermos a questão do envelhecimento no Brasil faz-se necessário perceber que este fenômeno é mundial e que nos anos mais recentes ganhou mais visibilidade nos países em desenvolvimento. Segundo dados da ONU cerca de 360 milhões da população mundial idosa residem nos países em desenvolvimento e no Brasil o

crescimento da população idosa e cada vez mais relevante em termos numéricos e econômicos.

A questão associada a esse crescimento é um fenômeno relativamente novo na humanidade, fruto de novos avanços na medicina, através da qual hoje pode se vivenciar uma velhice cada vez mais ativa. Os dados apresentados pela Secretaria de Direitos Humanos mostram que os velhos são hoje a população que mais cresce. De acordo com projeções das Nações Unidas (Fundo de Populações) “uma em cada nove pessoas no mundo tem 60 anos ou mais, e estima-se um crescimento para 1 em cada 5 por volta de 2050”.

Em 2050 pela primeira vez haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos. Em 2012, já se estimava a população idosa em 810 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. Projeta-se que esse número alcance 1 bilhão em menos de dez anos e mais que duplique em 2050, alcançando 2 bilhões de pessoas ou 22% da população global”. Reflexo do mais baixo crescimento populacional aliado a menores taxas de natalidade e fecundidade (IBGE, 2012).

Segundo o IBGE, os idosos—pessoas com mais de 60 anos — somam 23,5 milhões de brasileiros, mais que o dobro do registrado em 1991, quando a faixa etária contabilizava 10,7 milhões de pessoas. Número de idosos dobrou nos últimos 20 anos no Brasil, aponta IBGE, o grupo aumentou 7,6%, ou seja, mais 1,8 milhão de pessoas. Há dois anos, eram 21,7 milhões de pessoas. (IBGE, 2012). A questão do crescimento da população idosa é apresentada por Veras (1994), como consequência do aumento da expectativa de vida e ao declínio da taxa de fecundidade, graças aos avanços da medicina, aos programas de esterilização em massa nas regiões carentes e às altas taxas de mortalidade da população jovem, entre outros fatores. De acordo com Camarano,

As perspectivas que se vislumbram para o médio prazo são a de continuação da redução da mortalidade em todas as idades e, em especial, nas avançadas. Uma das possibilidades tidas como certas que se pode antever para o futuro próximo é o crescimento a taxas elevadas do contingente de idosos vivendo

mais tempo e do aumento da proporção de famílias de filho único. É a continuação do processo de envelhecimento populacional (CAMARANO, 2011).

Com isso, a participação ascendente dos idosos demanda novos desafios para o Estado, governos, sociedade e a família, no que se refere à necessária tomada de consciência da presença dos sujeitos sociais que podem e devem ser tratados enquanto cidadãos que merecem como todos, dignidade, respeito e condições materiais que lhes permitam uma qualidade de vida digna.

Com o processo de envelhecimento natural o idoso experimenta todos os tipos de estigmas. (GOFFMAN 1993, p. 11) faz referência ao uso da palavra "estigma" pelos gregos, definida como "signos corporais, sobre os quais se tentava exibir algo mais ou menos habitual no status moral de quem os apresentava". Na atualidade, a palavra "estigma" representa algo de mal, que deve ser evitado, uma ameaça à sociedade, isto é, uma identidade deteriorada por uma ação social.

Sobre a realidade estigmatizada dos idosos, (BEAUVOIR 1990, p.8) considera que “[...] essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás do mito da expansão e da abundância, trata os velhos como párias”, por isso entende-se que nosso modelo societário impõe aos idosos, estereótipos que conduzem por processos alienantes a enxergar o velho como um improdutivo, ultrapassado, que vive doente, entre outros estigmas. Sendo assim, [...] “o caráter descartável do idoso é funcional a sociedade de consumo, reproduzindo, sem máscaras, as mazelas do capitalismo” (Goldman, 2000, p. 19). A esse respeito esclarece Ferrigno:

“A discriminação dos velhos é o resultado dos valores típicos de uma sociedade de consumo e de mercantilização das relações sociais. O exagerado enaltecimento do jovem, do novo e do descartável além do descrédito sobre o saber adquirido com a experiência da vida são as inevitáveis consequências desses valores” (2002, p. 56).

Simone de Beauvoir na sua obra denominada “A velhice” já assinalava que “não reconhecemos a velhice em nós, nem sequer paramos para observá-la, somente a vemos nos outros, mesmo que estes possuam a mesma idade que nós” (BEAUVOIR, 1990).

E uma fase do curso da vida na qual em decorrência da idade cronológica avançada, ocorrem modificações de ordem biopsicossocial que afetam as relações do indivíduo com o contexto social em que vive. E um processo complexo de alterações na trajetória da vida das pessoas e cada contexto ao possuir suas particularidades vai afetar o estilo de vida das pessoas.

O envelhecimento biológico é compreendido “como um tempo da vida humana em que o organismo sofre modificações de declínio em sua força e disposição e aparência, mas não incapacitam ou comprometem seu processo vital”. (SALGADO, 1982). Assim, muitos idosos que se aposentam continuam por muitos anos a dinâmica do trabalho, seja através dos trabalhos por conta própria, seja pelo trabalho voluntário, ou até mesmo trabalhos realizados na igreja ou na comunidade. De outro modo, alguns idosos permanecem no mundo do trabalho, não apenas por se sentirem vigorosos o suficiente, mas porque necessitam incrementar a sua renda.

1.2 O ENVELHECIMENTO E O MUNDO DO TRABALHO: LIMITES E DESAFIOS.

Conduzida pelo projeto neoliberal, a conjuntura pós-1970 redimensiona-se a partir de um conjunto de alterações ocorridas na sociedade capitalista. “A forte deflação da economia norte americana de 1973-1975 indicou que as finanças do Estado estavam muito além dos recursos, criando uma profunda crise fiscal e de legitimação. A falência técnica da cidade de Nova Iorque em 1975 [...] ilustrou a seriedade do problema”. (HARVEY, 2009, p. 137). As mutações no mundo do trabalho, acarretaram consequências muito fortes no modo do trabalho operário. Vivemos na década de 70 um quadro de crise estrutural do capital, que fez que com que o mesmo adotasse estratégias de restauração do seu poder de reprodução que afetaram diretamente o mundo do trabalho.

A profunda recessão de 1973, exacerbada pelo choque do petróleo, evidentemente retirou o mundo capitalista do sufocante torpor da “estagflação” [...] e pôs em movimento um conjunto de processos que solaparam o compromisso fordista (HARVEY, 2009, p. 140).

Com a sua expansão e a conseqüente crise do Welfare State⁵ o neoliberalismo passou a ditar o ideário dos programas a serem implementados pelos países capitalistas, contemplando reestruturação produtiva, privatizações, diminuição do poder estatal, desmonte dos direitos sociais dos trabalhadores. Para Antunes, dessa forma:

A centralidade do processo de reestruturação produtiva recai sobre a necessidade de recuperação do ciclo de reprodução do capital, no entanto foi ausente nesse processo o questionamento do modo de produção capitalista (ANTUNES, 1999).

Particularmente nas últimas décadas, como respostas do capital à crise dos anos 70, intensificaram-se as transformações no próprio processo produtivo, através do avanço tecnológico, da constituição das formas de acumulação flexível e dos modelos alternativos ao binômio taylorismo/fordismo, no qual se destaca, para o capital, especialmente, o modelo "toyotista" ou o modelo japonês.

A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores, quanto entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego, no chamado "setor de serviços" (HARVEY, 2009, p. 140).

Estas transformações, decorrentes, por um lado, da própria concorrência intercapitalista e, por outro, dada pela necessidade de controlar o movimento operário e a luta de classes, acabaram por afetar fortemente a classe trabalhadora e o seu movimento sindical. (ANTUNES, 1999). Ainda de acordo com Harvey,

Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão de obra

⁵ Consultar ESPING-ANDERSEN, Gosta. O futuro do Welfare State na nova ordem mundial. Lua Nova, n. 35, 1995.

excedente (desempregados ou subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis (HARVEY, 2009, p. 143).

As consequências das transformações do processo de produção no século XX, citados por Antunes, foi a diminuição do operariado manual, fabril, aumento do trabalho parcial, subcontratado, terceirizado, expansão dos assalariamentos médios, no setor de serviços, que inicialmente alimentou o desemprego tecnológico, exclusão dos trabalhadores jovens e dos mais velhos, do mercado de trabalho, nos países de capitalismo central.

Portanto “a classe trabalhadora se fragmentou, se heterogeneizou e se complexificou ainda mais” (ANTUNES, 1999). Se qualificou em vários setores, mas se precarizou em diversos outros ramos. Criou-se o trabalho multifuncional, polivalente e uma massa precarizada sem qualificação, que hoje experimenta o desemprego estrutural.

Em virtude da crise enfrentada naquela época. Tais alterações, chamadas por (NETTO, 1996) de “transformações societárias”, são respostas do capital ao momento de crise que modificam as esferas da produção e da reprodução social.

A reprodução das relações sociais de produção não se reduz à reprodução dos meios de produção, isto é, da força de trabalho e dos meios materiais de produção, ainda que os envolva. (IAMAMOTO, 2007, p. 49). De acordo com Lefebvre apud Iamamoto (1973),

As relações sociais de produção envolvem contradições de classe (capital e trabalho) que se amplificam em contradições sociais (burguesia e proletariado) e políticas (governados e governantes). Toda a sociedade torna-se o “lugar” da reprodução das relações sociais. Todo o espaço ocupado pelo capital transforma-se em “espaços de poder” — a empresa, o mercado, a vida cotidiana, a família, a cidade, a arte, a cultura, a ciência, entre outros —, tanto aqueles onde a mais-valia é produzida, quanto aqueles em que ela reparte-se e é realizada, abrangendo o conjunto do funcionamento da sociedade. (LEFEBVRE apud IAMAMOTO, 1973).

Para enfrentar a crise e manter a lucratividade, o capital se reinventa, de modo a garantir a sua dinâmica de acumulação, essas alterações atingem diretamente aqueles, que nas palavras de (Antunes, 1999), são *a classe-que-vive-do-trabalho*, operários, vendedores de serviços, todos aqueles que não dispõem dos meios de produção.

No processo de reorganização do capital nos países de capitalismo dito central e periférico, denominada de reestruturação produtiva, ocorrida na década de 70, alteraram significativamente a organização do modo de vida dos trabalhadores, provocando alterações no processo reprodutivo, introduzindo mudanças significativas, tanto no modo de pensar (subjetividade do trabalhador) como no ambiente de reprodução das relações sociais (trabalho).

A reestruturação produtiva representa uma “reorganização do papel das forças produtivas na recomposição do ciclo de reprodução do capital, alterando tanto a esfera da produção quanto as relações sociais”, reforça (MOTA; AMARAL, 1998, p.27).

O padrão de acumulação flexível se torna uma ferramenta importante para a condução de novas formas de relações de trabalho, instalando novos valores e padrões sociais, compatíveis com o capital em tempos de crise.

Um traço marcante do processo de exploração da nova organização de produção, é a captura da nossa subjetividade, onde é disseminada apenas a ideologia baseada em valores sociais econômicos capitalistas, obrigando o sujeito a submeter-se a compreensões que fogem dos seus próprios desejos, se inscrevendo num campo puramente racional, embora, possa assumir um caráter fantasioso, quando assim interessar ao capital, são desejos reprimidos como assim argumenta Volnovich em seu livro, subjetividade e organização: o discurso neoliberal,

A subjetividade é assim, “inferida a partir de práticas de ordem individual, grupal o institucional, sendo que ela não se inscreve num campo puramente racional, mas numa cadeia de significações imperceptíveis (ou seja, reprimidas) para o indivíduo ou para a organização à qual pertence” (VOLNOVICH, 1995:61).

O domínio da subjetividade do trabalhador passou a se intensificar com os novos modelos de controles psicológicos viabilizados por uma reorganização dos modelos de produção e gestão, representados atualmente, pelo Toyotismo.

O trabalho nos padrões toyotistas, embora seja um trabalho regulamentado e formalizado, não foge a natureza de um trabalho alienado, fetichizado, fragmentado. Ao flexibilizar as condições de trabalho, ocorre uma redução drástica em seus postos, gerando conseqüentemente elevadas taxas de desemprego, decorrente dessas

fragilidades desencadeadas por esse enfraquecimento do emprego, o trabalhador é descartado completamente do processo produtivo, sobretudo o trabalhador que envelhece sob o domínio do capital, não conseguindo inserir-se no mercado produtivo, tornando-se assim, obsoleto. Como afirma Harvey, com menos acesso a oportunidades de carreira, esse grupo tende a se caracterizar a alta rotatividade, “o que torna as reduções da força de trabalho relativamente fáceis por desgaste natural” (HARVEY, 2009, p. 144).

A subjetividade do trabalhador tornou-se fragmentada na atual sociedade sob o comando do capital. “A busca por pequenos gozos narcísicos”, segundo Dejours (2000), os novos modelos de produção e gestão, representados atualmente pelo Toyotismo, e a disseminação de uma ideologia tipicamente alicerçada nos valores sociais e econômicos vinculados ao sistema de capital, foram capazes de propiciar o sequestro da subjetividade do trabalhador e, conseqüentemente, levá-lo a enfrentar, de forma mais resignada, o que Dejours (2000) chama de condições físicas e psicológicas de trabalhos cada dia mais precárias.

Mesmo apresentando todas essas condições, há uma verdadeira adesão e grande consenso acerca do trabalho defendido pelo modelo toyotista, o conceito empresa família como uma extensão da sua casa, onde você deve sempre se dispor para garantir seu crescimento e lucratividade. É essa consciência que os novos modos de produção tem investido na subjetividade do trabalhador, como afirma César:

Sendo assim, o “novo” caminho é a busca da “adesão e do consentimento da classe trabalhadora” para as transformações do capital. Isto significa “ganhar corações e mentes” dos trabalhadores, em uma nova forma de controle da força de trabalho: menos coercitivos e mais consensuais, cuja participação e parceria compõem a cultura da integração do trabalhador (CÉSAR, 1998).

Todo isso é resultado de um processo alimentado pela reestruturação produtiva. O processo de reestruturação produtiva, com marco temporal de sua aceleração nos anos de 1970, teve repercussão brusca para o conjunto dos trabalhadores, visto que representou incremento tecnológico e científico nos processos de trabalho, propiciando novas formas de organizar, gerir e regular a produção e a força de trabalho.

A reestruturação produtiva trouxe consigo a precarização das relações de trabalho ao estabelecer a flexibilização dos contratos, o que se reflete nas condições degradantes de trabalho, estimulando a informalidade. Nesse aspecto, intensificaram-se os trabalhos temporários, parciais, subcontratados e domiciliares.

A atual tendência dos mercados de trabalho é reduzir o número de trabalhadores “centrais” e empregar cada vez mais uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos quando as coisas ficam ruins (HARVEY, 2009, p. 144).

Nesse cenário de fragilização do capital, temos uma dupla e diferenciada precarização do trabalho, como afirma Ricardo Antunes, a primeira mais despótica, taylorismo, ainda que mais regulamentado e com “garantia de direitos” e a segunda denominada flexibilidade toyotizada, é aparentemente menos despótica, mas é completamente desprovida de direitos, semi-qualificado, *full-time*, *part-time*, não-qualificado, é uma forma de alienação mais profunda, como classifica ele.

Dentro desse processo de precarização do trabalho e desvalorização social dos trabalhadores, o mercado busca se reinventar e reinventar os papéis sociais a fim de garantir uma adesão ideológica ao seu plano de expansão, parcela dos idosos, que podem pagar pelos serviços oferecidos pelo capital, se tornam consumidores em potencial de mercadorias e serviços, esses conceitos trataremos a diante.

Como afirma Teixeira, tanto a formas de desvalorização social dos trabalhadores envelhecidos, quanto à pseudovalorização de uma parcela deles, decorrem dessa lógica expansionista do capital. Rompendo com as perspectivas de alguns teóricos do envelhecimento, que compreende essa fase como um processo enfrentado homogeneamente, desconsiderando as formas pelas quais a sociedade capitalista explora a força de trabalho, como expropria o tempo de vida do trabalhador. Camarano mostra que:

a heterogeneidade desse segmento extrapola a da composição etária. Dadas as diferentes trajetórias de vida experimentadas pelos idosos, eles têm inserções distintas na vida social e econômica do país. A heterogeneidade do grupo de idosos, seja em termos etários ou socioeconômicos, traz também demandas diferenciadas, o que tem rebatimento na formulação de políticas públicas para o segmento (CAMARANO, p. 26, 1999).

A heterogeneidade desse grupo, em termos étários e econômicos tem chamado a um novo e promissor mercado de expansão do capital, ao tempo que alguns experimentam a pobreza extrema, há a “pseudovalorização” dos outros, onde o tempo supérfluo é na verdade um tempo de consumo, como destaca Teixeira apud Meszáros, “estes (trabalhadores) são reconhecidos como ‘sujeitos’ legitimamente existentes apenas como consumidores manipulados de mercadorias” (TEIXEIRA,2008)

Como assinala Teixeira “o capitalismo através das práticas temporais, espaciais e do meios de produção, aloca e realoca o tempo de vida dos trabalhadores, ou o tempo social, redefinido pelas necessidades produtivas, ampliadas do capital, seja enquanto tempo de trabalho “tempo livre” ou tempo de envelhecer” (TEIXEIRA,2008, p.57). Ainda de acordo com Meszáros,

“Os seres humanos [...] não podem ocupar, como seres humanos, seu lugar legítimo nas equações do capital, e muito menos ser considerados nos parâmetros do sistema do capital como a verdadeira finalidade de produção”, ao contrário, “[...] submete toda a humanidade a finalidade da produção de riquezas”, que não se converte em riqueza do gênero e desenvolvimento do indivíduo, pois o fim dessa lide é estranho (MESZÁROS, 2002, p. 611).

Dessa forma, a mão de obra declina rapidamente pelo uso abusivo pelo capital, gerando pobreza para aqueles que não podem mais vender sua força de trabalho e não dispõe dos meios de subsistência. O capital usa o tempo do trabalhador a seu critério, definindo o tempo de admissão e exclusão, entre eles a idade.

Assim, o tempo de vida do trabalhador continua sendo dominado, de forma opressiva, pelo capital, seja o tempo de trabalho dos integrados ou inseridos no mercado de trabalho, no qual não se suga somente suas forças físicas, mas também se captura sua subjetividade (TEIXEIRA, 2008, p.68).

“Para uma parcela ainda expressiva da nossa sociedade, o trabalho continuado, mesmo depois da aposentadoria, tem várias motivações” (NERI, 2009, p.57). Entre os principais motivos estão a necessidade de uma remuneração extra desejo de manter se

ativo ou por questões relativas a honra, já que essa sempre foi tida como uma condição inerente ao trabalho, visto que a “vagabundagem”, sempre foi combatida pelos industriais da época do capitalismo industrial e quem não possuía uma ocupação sempre estava passível de algum tipo de punição. Dessa forma,

as regulamentações contra a perambulância de pessoas em busca de melhores ocupações, ou a chamada "vagabundagem", constituíram a origem da assistência social institucional. Esta, por seu turno, funcionava, simultaneamente, como controle sobre o trabalho e sobre possíveis consequências negativas, para a ordem prevalecente, de uma pobreza não confinada territorialmente. [...]incluía surras, mutilações e queimaduras com ferro em brasa" nos andarilhos, embora estes, àquela época, não fossem tão numerosos como se fazia crer. (PEREIRA 2011).

Dessa forma, tanto para os jovens quanto para os idosos o trabalho tem um significado positivo, que vai desde o condicionamento físico e mental até a atividade que dignifica aquele que a executa como um ser útil e responsável perante os outros.

O trabalho é tido como obrigação moral do indivíduo; a sociedade cobra que todos produzam por meio dele. Aquele que não trabalha não está de acordo com a ética dessa sociedade. Isso repercute até mesmo naqueles que já trabalharam, adquiriram o direito à aposentadoria e, quando se aposentaram, continuam vítimas dessa ética. Os indivíduos, mesmo depois de terem passado a maior parte de suas vidas desempenhando uma atividade especializada, sentem-se, quando longe dessa atividade, incompletos e/ou inúteis por estarem fora do mercado de trabalho, inúteis e por hora necessitados também.

É importante salientar que ao falar da vida do trabalhador sob a lógica do capital se mostra de suma importância levar em consideração a problemática da degradação física. Tendo em vista que esse sistema produtor de mais-valia considera inúteis para o capital pela falta de rentabilidade, a força de trabalho quando se encontra desgastada. O capitalismo constitui o envelhecimento do trabalhador objeto de controle social, sugerindo esse período como fonte de experiências negativas em função do valor econômico dos indivíduos.

Evidenciando a constante contradição no movimento da nossa sociedade, merece destaque uma característica particular do sistema capitalista, se por um lado o sistema socioeconômico em que o trabalhador velho está inserido o estigmatiza, afastando-o do

mercado de trabalho, por outro lado ele também acaba sendo funcional desde que esteja sob determinadas circunstâncias. O idoso passa a ser interessante para a lógica do sistema quando inserido como força de trabalho mais barata e sem vínculo formal, portanto, longe das mínimas regulamentações trabalhistas de proteção. Assim, a contratação de um trabalhador velho pode representar algumas vantagens para a lógica de acumulação capitalista. Por exemplo, quando ele é contratado como office boys para pagamentos em bancos, pela vantagem legal de não pegar fila, ou mesmo pela experiência adquirida ao longo dos anos de serviço.

Como aponta Teixeira, na fase idosa da vida, devido ao processo de exploração do capitalismo, usurpam-se as necessidades de satisfação desses trabalhadores que ainda vivem ou viveram da sua força de trabalho. Sendo o tempo dinheiro, que tem que ser otimizado para se tornar simples matéria prima e o tempo deixa de ser vivido e vivenciado. A pobreza do trabalhador aumenta conforme se produz riqueza material (TEIXEIRA, 2008).

Diante da conjuntura social regida pela lógica mercantil, parar de trabalhar significa a perda do papel profissional, social e familiar. Essas perdas afastam o idoso da sociedade a qual ele está inserido. Lukács exemplifica claramente essa tendência a afirmar que na sociedade capitalista a categoria do trabalho é a categoria fundante do ser social. No contexto da ontologia lukácsiana, isto significa que, “por um lado, a gênese da categoria do trabalho corresponde à gênese de uma nova esfera do ser, de uma nova substancialidade, radicalmente distinta do ser apenas natural” (LESSA, 2010).

É pelo trabalho que o homem se realiza como ser social, logo, quando esse trabalho cessa, por questões de doença ou aposentadoria, o idoso experimenta a ‘morte social’, Moragas faz menção ao termo morte social do idoso, ao comentar que pode existir uma morte social do idoso em decorrência de um processo de internação em uma instituição pela mesma restringir os contatos sociais com o exterior e romper os seus laços sociais habituais (MORAGAS, 1997). Logo a sociedade capitalista se afasta do idoso, julgando o mesmo como um ser impotente e improdutivo.

Com a chegada da aposentadoria o trabalhador já não contribui diretamente para o processo de acumulação, se tornando com isso, improdutivo para o capital, o trabalhador idoso é eliminado do processo produtivo. Condições de vida que não são enfrentadas igualmente por todos os idosos da mesma forma, no que concerne ao modo de vivenciar o envelhecimento. As diferenças de classe dão a velhice a noção de

ambivalência, representando duas realidades totalmente diferentes, se considerarmos esta ou aquela classe social. (BEAUVOIR, 1990). Retratando a situação do século XIX, mostra as diferenciações de classes no envelhecer.

“Antigos operários reduzidos a indigência e a vagabundagem, velhos camponeses tratados como bichos, velhos pobres situam-se no mais baixo nível da escala social. São os velhos das classes superiores que ocupam o cume. A oposição é tão flagrante que se poderia quase pensar que se tratava de duas espécies diferentes. As mudanças econômicas e sociais, tão nefastas para uns, favorecem, ao contrário, os outros” (BEAUVOIR, p. 213, 1990).

Em síntese, essa ambivalência existente entre os modos de envelhecer já se fazia perceptível desde o século XIX, na atualidade a problematização das condições de vida dos idosos apresentam as mesmas configurações, redefinidas apenas pelo recorte temporal.

2. ADEUS AO TRABALHO? TRABALHO, DESEMPREGO, PRECARIZAÇÃO E INFORMALIDADE

Esse capítulo expõe o percurso do mundo do trabalho a partir da ofensiva neoliberal, trazendo ao centro os rebatimentos do desemprego e da precarização do trabalho na vida dos trabalhadores e trabalhadoras, vítimas da degradação e desvalorização por conta do desgaste sofrido em decorrência do avanço da idade cronológica e exploração do trabalho, pelo capital. Apresenta-se em seguida elementos como base norteadora para explicar as razões pelas quais os velhos que se encontram incapacitados de se inserir no mercado formal, o qual eles foram ‘expulsos’, submetem-se ao mundo da informalidade. Em seguida, abordarei brevemente a mercantilização da velhice como um novo campo de expansão do mercado consumidor, onde a mesma se tornou um nicho de consumo com potencial de crescimento, onde o tempo de vida do trabalhador é o tempo do capital, tempo de vida manipulado, no qual as suas decisões

não estão submetidas a uma ordem natural. O tempo de trabalho e o tempo livre são privados de decisões, apenas submetidos à lógica de acumulação.

2.1 A CENTRALIDADE DA CATEGORIA TRABALHO

Esse item contextualiza historicamente a gênese da categoria trabalho, destacando as primeiras aproximações do indivíduo com o mundo do trabalho explorando o seu desdobramento na conjuntura atual.

Para entender o trabalho como categoria fundante do ser social, é necessário caracterizá-lo em termos ontológicos e de que forma ele se fundamenta na sociabilidade capitalista, na vida dos homens e das mulheres. A sociedade, através dos seus membros (homens e mulheres) transforma matérias naturais em produtos que atendem suas necessidades. Essa transformação é realizada através de atividades que denominamos *trabalho*. (NETTO e BRAZ, 2012).

Marx e Lukács foram os teóricos que apresentam os aspectos mais importantes acerca do ser que vive em sociedade, apresentando os principais traços que os distingue dos outros animais, mostrando no trabalho o rompimento com o padrão de atividade meramente biológica.

Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter intermediário: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (utensílio, matéria-prima, objeto trabalho, etc.) como orgânica, inter-relação que pode até estar situada em pontos determinados da série a que nos referimos, mas antes de mais nada assinala a passagem, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social. (LUKÁCS, 2013).

Ainda de acordo com Sérgio Lessa, citando Marx, “o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media regula e controla seu metabolismo com a natureza”. É através do trabalho que se torna possível a manutenção da vida em sociedade. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. “Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes

à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a sua própria vida”. (MARX apud LESSA, 1985, p. 17).

Na capacidade laborativa o homem apresenta as principais características que o distingue dos animais. Assim, “o que diferencia o mundo dos homens da natureza, são as relações sociais, as formas distintas e complexas que estas se relacionam entre si”. (LUKÁCS, 2013). Além disso, o homem é o único ser capaz de idealizar as suas ações antes de realizá-las, essa foi uma das condições que distinguiu os homens dos primatas defendendo a capacidade teleológica de tratar da antecipação da consciência que possibilita uma alternativa como melhor opção, em detrimento de outra. São os primeiros passos dados a partir da prévia ideação até a objetivação, isso só os indivíduos dotados de racionalidade possuem.

Ao longo do tempo o homem foi transformando o meio em que vive, utilizando ferramentas produzidas por ele para modificá-lo e satisfazer suas necessidades biológicas. Essa capacidade de transformação, possibilitou ao homem produzir não somente para atender as suas necessidades particulares, como também produzir para a coletividade. Sendo o trabalho condição fundamental para vida humana, ele também é responsável pela vida em sociedade. O homem é o único ser que possui a capacidade de interagir com a natureza de maneira consciente, a respeito disso diz Marx sobre a capacidade fundamental que distingue o homem dos animais, que é a capacidade teleológica:

“Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha realiza operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. (MARX apud LUKÁCS, 2013).

Com essa categoria, podemos entender de que forma o trabalho se caracteriza como uma atividade inteiramente inseparável do homem, expressando a capacidade de objetivar o seu pensamento, através da criação de objetos.

O trabalho é concebido como um fenômeno realizado pelo ser social e exclusivo a ele. Ao passo que é somente através do trabalho que o homem é capaz de desenvolver

outras categorias, tais como linguagem e cultura. “Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza [...]” (LUKÁCS, 2013, p.44). Esse conjunto de elementos são fundamentais para a reprodução das relações sociais.

A reprodução social⁶ se dá ao passo que ao modificar a realidade o indivíduo também se modifica dotando-se de novos conhecimentos e habilidades, os conhecimentos e habilidades adquiridos no trabalho dão origem ao conhecimento científico, contrapondo aos conhecimentos primitivos.

É o ato do trabalho que torna suas consciências subjetivas e objetivas, não se limitam a produção do objeto imediato, se estendem por toda a história da humanidade. É no trabalho que o homem desenvolve suas habilidades, o ato do trabalho sempre foi voltado para atender às necessidades concretas. No entanto, como menciona Marx, “com o aparecimento da agricultura o indivíduo passou a produzir mais do que necessitava para a sobrevivência, tornando lucrativa a exploração do homem pelo homem”. (MARX, 1987). Assim, para o trabalho se realizar nessa conjuntura, é necessário que se obrigue os escravos a se submeterem. Numa sociedade dividida em classes é necessário que haja uma classe que explore e outra que seja explorada.

Na sociedade capitalista o trabalho já não se limita a finalidade imediata de outrora. Agora ele se configura como uma forma de exploração sem precedentes, onde a forma pela qual o trabalho se instala, possibilita o desenvolvimento das capacidades humanas, das forças produtivas e das relações sociais, tornando a sociedade cada vez mais complexa e desenvolvida. Quanto mais se desenvolve, mais contraditória ela se torna. A partir do momento que existem exploradores e explorados, a sociedade se divide em duas classes: a que trabalha e produz riqueza para ser apropriada por outra classe, surge então o trabalho alienado⁷, sua razão de ser não é mais a produção para o consumo e sim para a acumulação da classe dominante.

⁶O “problema da reprodução”, segundo Marx, advém da contradição básica do sistema capitalista, isto é, de que seu funcionamento não ocorre em função das necessidades da sociedade, mas, sim, do processo de acumulação de capital em si. E é esse processo de acumulação de capital, fundado na extração de mais-valia, que define a dinâmica da economia capitalista. MARX, K. *Le capital. Critique de l'économie politique*. Moscou: Éditions du Progrès, 1982. liv. 1

⁷Para maiores esclarecimentos, consultar: Yamamoto, Marilda Villela. *Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. São Paulo: Cortez, 2010.

O surgimento do trabalho excedente fez com que, pela exploração do trabalho alheio, se obtivesse muito mais do que pelo próprio trabalho, passando a ser lucrativa a atividade de opressão e controle dos trabalhadores, para deles tirar o trabalho excedente. (LESSA, p. 13, 2012). A riqueza produzida é expropriada pela burguesia. De acordo com Iamamoto, “na sociedade burguesa, quanto mais se desenvolve a produção capitalista, mais as relações sociais se alienam dos próprios homens” (IAMAMOTO, 2012, p.48)

Com a alienação do trabalho, na sociedade capitalista ele deixa de ser baseado na produção e consumo e passa a ser baseado na exploração do homem pelo homem, expressando a necessidade de acumulação das classes dominantes. O trabalhador agora experimenta o estranhamento do produto do seu trabalho, dessa forma, para o trabalhador sobreviver ele precisa vender sua força de trabalho, deixando de lado suas necessidades enquanto pessoa humana, ele se converte em instrumento para a execução de necessidades de outrem, esse é o único bem que ele possui, a força de trabalho, que passa a ser adquirida pelo empresário capitalista, em troca de algum dinheiro. Ao deixar de lado as suas necessidades humanas, o pensamento fetichista converte as próprias relações de produção em coisas.

Alienação, para Marx, carrega um sentido negativo, pois trata-se de uma condição onde o trabalho ao invés de ser instrumento para a realização plena do homem e de sua condição de humano torna-se, pelo contrário, um instrumento de escravização, acabando por desumanizá-lo, tendo sua vida e seu próprio valor medidos pelo seu poder de acumular e possuir.

A alienação no capitalismo é decorrente da fetichização da mercadoria que passa assumir um valor e caráter dominador e reificado, em outras palavras, tudo, inclusive as relações sociais, se coisificam e é transformado em coisa ou objeto, até mesmo a vida humana. Esse poder que as mercadorias parecem ter em face dos seus produtores, assume uma forma fantasmagórica de uma relação entre coisas (MARX, 1983,1, 1, p. 71).

Esta premissa ontológica do trabalho é reduzida à (re) produção de riquezas, bens de consumo e de mercadorias. Ao inserir-se num sistema estabelecido pela divisão

social do trabalho, o ser social é desapropriado de sua condição ontológica para ser explorado enquanto produtor de valor-de-uso e valor-de-troca⁸, alienando e estranhando-se de sua própria condição humano genérica. É nesse sentido que “o trabalho estabelece a alienação, revelando o processo de coisificação da potencialidade humana. As relações sociais, relações entre os homens, aparecem como relações entre coisas” (ANTUNES, 2012, p. 105). Ao ingressar no mercado de trabalho, a força de trabalho passa a valer enquanto valor-de-troca e as relações de trabalho passam a ser consideradas enquanto mercadoria. No capitalismo contemporâneo a força de trabalho, torna-se uma mercadoria, cuja finalidade é criar novas mercadorias e valorizar o capital. Nesse sentido, o envelhecimento do trabalhador no capitalismo contemporâneo apresenta-se como um fenômeno a ser desvelado em sua singularidade, universalidade e particularidade. No Brasil contemporâneo as particularidades do envelhecimento se somam aos aspectos mundiais que envolvem o crescimento da população idosa.

2.2 PRECARIZAÇÃO, INFORMALIDADE E DESEMPREGO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO.

Busco nesse item destacar a relação existente entre desemprego e precarização do trabalho na conjuntura atual, buscando compreender como as reviravoltas econômicas ocorridas nas últimas décadas têm provocado uma nova onda de inserção no mundo do trabalho, desencadeando na informalidade, em que antigas formas de trabalho sofrem novas reformulações, resultantes das alterações nas formas de gestão da produção.

Segundo dados levantados pela OIT (Organização Internacional do Trabalho), mais de 800 milhões de pessoas estão desempregadas ou subempregadas em todo o

⁸Um desenvolvimento mais detalhado deste tema pode ser encontrado em O Capital, Crítica da Economia Política Karl Marx Livro Primeiro: O processo de produção do capital Primeira Seção: Mercadoria e dinheiro Primeiro capítulo. A mercadoria

mundo. Atingimos uma fase do desenvolvimento histórico do sistema capitalista em que o desemprego é sua característica dominante. (MESZÁROS, 2002, p.31). Muitos acreditam que esse crescimento é resultado do processo de globalização, as transformações das forças produtivas, das relações de produção, dos sistemas institucionais e dos sistemas políticos ideológicos formam o processo de globalização, a globalização trouxe consigo o incremento de novas tecnologias e novas formas de organização, o Toyotismo, invadiu escritórios implementando novas modalidades de trabalho, empregando cada vez mais o trabalho abstrato. Embora ambos influenciem para o incremento do capital na mesma proporção. A capacidade tecnológica denominada de “automação industrial”, adotada pelas indústrias coloca os operários hoje como profissionais responsáveis somente por inspecionar o trabalho das máquinas, se instalando uma nova forma de exploração pelo capital. Essa nova forma de produção atinge e a classe trabalhadora, ao passo que com o aumento do trabalho morto, diminui drasticamente o trabalho vivo, causando o fechamento de postos de trabalho. O fechamento dos postos de trabalho atinge todos os setores e provoca um efeito cascata na economia capitalista.

O desemprego estrutural é uma realidade da economia capitalista. Embora no Brasil, os níveis desemprego tenham se mostrado constante, a produtividade do trabalho vem decaindo desde a década de 80, em função do crescimento do PIB ser menor que o nível de emprego. Os resultados do desemprego estrutural são nefastos e afetam toda a classe trabalhadora, como assinala Antunes,

Pode se dizer, de maneira sintética, que há uma processualidade contraditória que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho precário e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos (ANTUNES, 2000, P. 47)

O desemprego trouxe consigo transformações no mundo do trabalho e embora esta seja uma realidade nos dias atuais, apresenta um caráter estratégico, como necessário para a criação de um exército de reserva. No seu texto, Balanço do Neoliberalismo, Perry Anderson traz algumas considerações importantes sobre o neoliberalismo, como uma reação teórico ideológica e política contra o Estado

intervencionista. Como um defensor fervoroso do neoliberalismo Friederich Von Hayek e seus companheiros argumentam que “o novo igualitarismo (muito relativo) desse período promovido pelo EBES (Estado de Bem Estar Social), destruiu a liberdade dos cidadãos e a utilidade da concorrência da qual dependia a prosperidade de todos” (ANDERSON, 1995).

Sobre isso Hayek, ainda argumenta que seria necessário a criação de um exército de reserva e uma dita saudável desigualdade para voltar a dinamizar a economia. Simpatizante do neoliberalismo, Hayek afirmava que se deveria substituir o Estado intervencionista por um Estado mínimo, que se resumiria em privatizações, redução nos investimentos e flexibilização nos setores públicos, (educação, saúde e assistência social) o neoliberalismo foi uma saída dos políticos capitalistas à uma crise enfrentada desde os anos 70.

Nessa conjuntura, é necessário elucidar que, atualmente, “o que se verifica é a redução de empregos estáveis e protegidos, o que não significa o "fim do trabalho" nem o "fim da história" como afirma. (GUIRALDELLI, 2014). Na atualidade, o que se observa é a eliminação de postos de trabalho, a redução de trabalho vivo e crescentes taxas de desemprego, que assume dimensão estrutural, ampliando o índice de trabalhadores supérfluos ao capital. Diferentemente do desemprego temporário e cíclico causado em períodos e conjunturas de crise do capital, o desemprego estrutural é caracterizado pela expulsão dos indivíduos da cadeia produtiva sem possibilidade de reinserção futura no mercado de trabalho, ou como diz Pochmann (2001, p. 89), é um “[...] desajuste entre a mão-de-obra demandada pelo processo de acumulação do capital e a mão-de-obra disponível no mercado de trabalho” (GUIRALDELLI apud POCHMANN, 2014).

No bojo desse movimento sustenta-se um ideário de competência dos trabalhadores como resposta para atender aos interesses e às necessidades do capital, que se preocupa com resultados e não com processos. Na análise de Santana (2005, p. 11-12), com o discurso da competência e a exigência de qualificação dos trabalhadores, cria-se o conceito de empregabilidade, que consiste na capacidade da força de trabalho se manter empregada ou encontrar novos empregos, o que, resumidamente, significa tornar-se empregável no mundo do trabalho mediante as atitudes e as competências dos trabalhadores. Nesse sentido, muitos trabalhadores tornam-se supérfluos e desnecessários ao capital, e a justificativa dada ao desemprego é que não existem

profissionais qualificados para as expectativas vigentes. O desemprego, compreendido como expressão da questão social, ou seja, um fenômeno social que tem dimensão pública e política, passa a ser tratado, muitas vezes, como um problema individual.

No Brasil, a reestruturação produtiva, longe de substituir as tradicionais e conservadoras relações de trabalho as reforça com a introdução de novas e modernas tecnologias de produção. Seus resultados têm sido os elevados índices de desemprego e a precarização das condições de trabalho. Este processo, além de contribuir para a fragilização da organização sindical, afeta as conquistas históricas dos trabalhadores, deixando patente o perfil conservador das práticas do capital (CÉSAR, 2008). Com os efeitos da reestruturação produtiva em solo brasileiro a terceirização tornou-se estratégia importante ao seu ideário, embora tenha sido anterior a essa última. Um dos aspectos marcantes da reestruturação produtiva é a criação de um trabalhador que se enquadre ao ideário do capital, promovendo o aumento da produtividade, terceirização, flexibilização, precarização, todos esses são fatores ocasionados pela reestruturação produtiva.

Dessa maneira, a classe trabalhadora se fragmentou, heterogeneizou, e se complexificou ainda mais, criando com isso trabalhadores precários e instáveis. Essas características se revelam em todos os seguimentos de trabalhadores. Portanto, para Maria Augusta Tavares:

Na medida em que o aumento da produtividade e a desregulamentação das relações de trabalho contribuem para a disponibilidade crescente da força de trabalho à procura de emprego e para fragilizar as negociações coletivas, o trabalho formal, estável, em tempo integral e socialmente protegido tende a ser uma categoria do passado. (TAVARES, 2002, p. 54).

Atualmente o mundo do trabalho vem passando por severas mudanças acirrando a competitividade, produzindo trabalhadores por categorias de qualificados e desqualificados profissionalmente. Os trabalhadores sofrem com as constantes pressões para serem atualizados, os que não conseguem, são afastados definitivamente das oportunidades de qualificação e conseqüentemente com grandes dificuldades de permanência no emprego.

A terceirização surgiu com grande intensidade na década de 70, e no Brasil na década de 90 com propósitos bastante evidentes, permitindo aos patrões a diminuição dos gastos com a exploração da mão-de-obra. “É uma forma selvagem de precarização, esconde o verdadeiro empregador e o verdadeiro beneficiado. A flexibilidade do trabalho além de, a curtíssimo prazo, se refletir nocivamente na vida profissional e social, também fomenta a ordem ideológica dominante, distanciando cada vez mais o horizonte revolucionário” (TAVARES, 2002, p. 54).

As transformações societárias desencadeadas no século XX emergem uma série de dificuldades que interfere diretamente na vida dos sujeitos sociais, principalmente no que se refere às diversas expressões da questão social. Nesse período ocorreram várias mudanças no país, nas relações de trabalho, na cultura, na economia, na política e na relação entre Estado e a sociedade, desse modo, todas essas transformações vão repercutir em todas as relações da sociedade, principalmente na relação entre capital e o trabalho. Mercado informal, muda as formas de relação patrão empregado a intensificação do trabalho flexibilizado e crescimento da informalidade e redução dos direitos e mazelas sociais. As consequências sociais do desemprego, são observáveis no mercado informal de trabalho, entretanto é difícil mostrar a evidencia de uma correlação de causa-efeito entre desemprego.

De acordo com Maria Augusta Tavares, na sua obra “Trabalho informal: Os fios (in) visíveis da produção capitalista” O trabalho informal não é um fenômeno novo no mundo do trabalho, especialmente no Brasil, onde a dualidade e a heterogeneidade do mercado de trabalho são problemas histórico-estruturais. (TAVARES, 2002, p.49).

Como um fenômeno que vem ocorrendo em todo mundo, o trabalho informal é resultado das novas configurações no mundo do trabalho, essas modificações vem ocorrendo desde a década de 70, com a fragmentação, reestruturação produtiva e corte de gastos, diminuiu progressivamente o contingente de trabalho formal, por outro lado, a informalidade cresceu, resultado de uma política de desregulamentação pelas políticas de cunho neoliberal, trazendo a retomada de velhas formas de inserção no trabalho.

Dados recentes mostram que o trabalho informal já representa 19,5% de todas as ocupações nas principais cidades do Brasil-maior nível em oito anos (IBGE, 2015). Os dados revelam ainda, que o trabalhador por conta própria típico é homem de meia idade, com atividade de baixa e média renda. Mais da metade trabalha na agricultura,

construção ou comércio, seja como vendedor ambulante ou representante autônomo. (IDEM).

O cenário atual mostra que há uma emergência nas antigas formas de trabalho, frente a um contexto marcado pelo desemprego estrutural, isto é, o desaparecimento do mercado de trabalho de profissões ou funções. Decorre da lógica capitalista com cada vez menor número de funcionários e de funções aliada a uma maior produtividade.

No Brasil, a contribuição previdenciária é obrigatória para a empresa, o empregador doméstico e o trabalhador que presta serviço à empresa com ou sem vínculo de emprego, bem como o trabalhador que exerce atividade econômica por conta própria. Entretanto, apenas para os trabalhadores com contrato formal de trabalho decorrem os benefícios sociais como o seguro-desemprego, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), além da cobertura previdenciária. (BRASIL, 2008).

Baseada na solidariedade coletiva, a seguridade social tem como fonte principal as contribuições dos empregadores, constituindo obrigação trabalhista e previdenciária. “A criação de empregos com carteira de trabalho, portanto, é desejável como garantia de financiamento da proteção social dos trabalhadores e de suas famílias. O crescimento do trabalho informal sem a filiação previdenciária dos trabalhadores tem sido apontado como fator que impacta a arrecadação previdenciária” (SASAKI, 2012).

O Banco Mundial e o FMI têm recomendado a expansão do setor informal como uma contratendência ao desemprego, que se coloca entre as ações complementares às políticas de proteção social para os extremamente pobres. O “setor informal” era visto como sinônimo de atraso. Assim, o desenvolvimento do capital acabaria por eliminá-lo. Mas “quando a mesma economia de livre mercado se revela incapaz da integração prometida, o “setor informal” é reivindicado, não porque o seu desempenho contribua de algum modo com a acumulação capitalista, mas como uma ação complementar à proteção social” (TAVARES, 2002, p. 55).

Nesse sentido, o capital assume uma importante tarefa de esconder a essência, realçando a aparência e legitimando a mesma. Os recursos de informática, automação têm produzido uma grande maleabilidade na condução do trabalho na atualidade, decorre da desregulamentação do trabalho, tendem a tornar o trabalho mais informal, contribuindo para que as fronteiras da relação capital/trabalho se tornem mais perceptíveis.

Com isso, torna-se evidente que pela deslocalização do trabalho nega-se a categoria tempo de trabalho e, por conseguinte, a subordinação do trabalho ao capital. Contudo, essa deslocalização, que os neoliberais traduzem como “independência”, apenas cria a ilusão de que o trabalhador adquiriu autonomia, simplesmente porque não sai de casa e não sofre uma vigilância direta, como ocorre na empresa. (TAVARES, 2002).

A participação dos idosos na dinâmica de deslocalização do trabalho impulsionada pelas necessidades econômicas tem provocado a ilusão da autonomia do trabalho em suas trajetórias. Dessa forma, há uma falsa autonomia, do trabalhador, cresce o desasslariamento e a precariedade, onde o tempo de trabalho socialmente necessário continua sendo determinante.

A problemática do envelhecimento também é resultado das diferenças de classe. Sua posição na hierarquia social é um fator preponderante para determinar de que maneira a velhice irá se manifestar. O capital transforma o tempo de vida do trabalhador o tempo para a valorização e acúmulo. O tempo de envelhecer é transformado em tempo de consumo manipulado de bens e serviços, para aqueles idosos que detém melhores condições de renda.

2.3 APARÊNCIAS NO FETICHE DO CONSUMO: DECIFRA-ME OU TE DEVORO

Para melhor fundamentar o meu estudo sobre consumo na contemporaneidade, usarei como ponto de apoio teórico, as valiosas contribuições de Jean Baudrillard em sua obra “Sociedade de Consumo” e “Vida para Consumo” de Bauman, relacionando com o papel do capitalismo na condução do modo de vida do idoso na atualidade, trazendo a discussão das formas que a mercadoria se apresenta no controle dos modos de vida do trabalhador influenciando no comportamento e na subjetividade dos mesmos.

De início Baudrillard já traz uma importante consideração acerca da sociedade pós-moderna, afirmando ser a mesma a sociedade do consumo. De acordo com ele atualmente nossa sociedade cria novos espaços para os consumidores, tornando o exercício do consumo algo padronizado que molda as relações dos indivíduos.

Baudrillard prossegue afirmando que as relações atuais são baseadas no consumo, alegando que: “o consumo surge como modo ativo de relação, como modo de atividade sistemática e de resposta global, que serve de base a todo nosso sistema cultural” (BAUDRILLARD, 1981, p. 11).

Nessa lógica consumista, tudo é feito no sentido de atrair o consumidor. O envelhecimento da população brasileira revela um novo nicho no mercado consumidor, com valores, comportamentos, estilo de vida e necessidades específicas. As pessoas que estão no mesmo estágio de vida têm um conjunto de necessidades e desejos em comum.

A criação de necessidades se torna uma das principais estratégias promovidas pelo capital. Seguro saúde, lazer, tratamentos de emagrecimento, remédios, alimentos diet, asilos, clínicas estéticas, SPAs, etc. É preciso, no entanto, ficar atento ao caráter enrustido que a mercadoria assume, como bem pontua Marx; “A mercadoria é, antes de tudo, um objecto exterior, uma coisa que, pelas suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. Que essas necessidades tenham a sua origem no estômago ou na fantasia, a sua natureza em nada altera a questão” (MARX, 1987).

A criação e satisfação de necessidades de consumo de mercadorias e serviços é papel fundamental do capitalismo. Marx chama a atenção ao caráter fantasioso que a mercadoria adquire, produzindo necessidades onde muitas vezes não há. Nisso Bauman também traz sua contribuição ao afirmar que a maneira que a “sociedade atual “molda” seus membros é ditada pelo dever de desempenhar o papel de consumidor, onde para ele, na nossa sociedade funciona a partir de uma norma que considera importante a capacidade e a vontade de seus membros serem bons consumidores”. (BAUMAN, 2008).

A velhice é vista para o capital como um período de queda da produtividade, ou seja, a extração de mais valia se vê fortemente afetada, o idoso já não é um atrativo para o mercado de trabalho. A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso (MARX, 1987). E os que já não têm valor de uso para o capital, só ganham visibilidade como consumidores manipulados de mercadorias (MARX, 1987, p.54). “A referência ao uso do termo “valor de uso” dessa forma: *todo trabalho, é dispêndio de força humana de trabalho, sob forma especial, para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil e concreto, produz valor de uso*”. É nesse sentido que o valor de uso “só se realiza coma a utilização ou o consumo” (MARX, 1987, p.42). Portanto, com o aumento da expectativa de vida, o velho é visto como um sujeito que tem forte potencial

consumidor. Cosméticos que rejuvenescem, perfumam e embelezam, vitaminas fortificantes, viagens ao exterior, passeios e até faculdades, (Faculdade da Terceira Idade), academias de ginástica, dança e yoga, agências de viagens, restaurante com música ao vivo e escolas de informática são apenas algumas possibilidades que mostram o perfil consumidor que é visto nos idosos de hoje, são alguns dos artifícios capazes trazer ao idoso a sensação de um envelhecimento pleno. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo (DEBERT, p. 77, 1999).

Os idosos têm potencial de consumo que podem ser bem aproveitado por pequenos empresários (NEDER, 2005). Com isso, o envelhecimento surge como um novo campo de expansão do mercado consumidor. Essa fatia da população está se tornando muito atrativa, especialmente, pela disponibilidade de renda que possui para o consumo.

O Capital se reproduz nessa “nova” ideologia que tenta redirecionar o modo de viver do idoso e o modo que enfrenta seu envelhecimento; vê-se uma grande oportunidade de perpetuação, criando cada dia mais demandas que ele próprio é capaz de curar, oferecendo uma série de outras vantagens para quem pode pagar por elas e redefinindo o papel do Estado nas práticas e nas intervenções.

Mas, de qual idoso estamos falando? É preciso chamar atenção que grande parte da população idosa enfrenta uma velhice pobre e desprotegida, fruto do enfraquecimento dos sistemas públicos de proteção social e das configurações do trabalho na sociedade capitalista dividida em classes sociais: a burguesia e o proletariado, esses que não dispõem dos meios de produção são os que mais sofrem com as perdas inerentes à velhice.

O trabalhador idoso entra em um processo de depreciação natural e capacidade de labor com o decorrer dos anos, junto com isso ocorre a desvalorização social e a pauperização. A sociedade capitalista explora a força de trabalho, submetendo-o ao tempo das coisas, da mercadoria, da desvalorização do homem e valorização do capital, a depreciação social afeta o conjunto da classe trabalhadora e, em especial, os que já não têm mais valor de uso para o capital. Segundo Solange Maria Teixeira;

O capitalismo, através do controle das práticas temporais, espaciais e dos meios de produção, aloca e realoca o tempo de vida dos trabalhadores ou o

tempo social, redefinido pelas necessidades reprodutivas ampliadas do capital, seja enquanto tempo de trabalho, “tempo livre” ou tempo de envelhecer. Constituindo o envelhecimento do trabalhador, enquanto tempo de vida, objeto de controle social e de fonte de experiências negativas com essa perspectiva de tempo, que associado às desvalorizações sociais (em função do valor econômico dos indivíduos), à pobreza e às restrições físicas e sociais, configuram parte dos problemas que essa classe enfrenta na velhice (TEIXEIRA, 2008).

Aqueles trabalhadores que mesmo depois da aposentadoria se encontram em condições físicas para ou trabalho, ou até mesmo por conta das necessidades, enfrentam o desemprego e a precarização do trabalho, tendo como saída o caminho da informalidade. No próximo capítulo a tarefa principal é desvendar através dos depoimentos dos idosos o significado de voltar a trabalhar.

3. O DESCARTE DOS TRABALHADORES IDOSOS E SUA REUTILIZAÇÃO NO TRABALHO INFORMAL NO MUNICÍPIO DE MILAGRES-BA

Nesse capítulo, desenvolvo mais diretamente o exame dos dados referentes à problemática do envelhecimento dos trabalhadores na contemporaneidade, dentro da realidade vivenciada pelos trabalhadores de Milagres. A abordagem do tema parte dos pressupostos analíticos que a inserção do envelhecimento como problema social e econômico é uma questão que atinge diretamente os idosos destituídos dos meios de produção. Nessa perspectiva, considero aqui o homem que envelhece sob determinadas condições de vida, baseadas no lugar que ele ocupa nas relações de produção e nas desigualdades que lhe são iminentes. Essa se torna a essência da problemática do envelhecimento do trabalhador em questão neste trabalho. O idoso em questão se configura como aquele que além da depreciação natural, experimenta a desvalorização pessoal, pobreza e exclusão. O foco principal se deu a partir da necessidade de trazer elementos contributivos para entender e construir material de base científica capaz de preencher lacunas capazes de desvendar as questões que têm fomentado a decisão do retorno ao espaço de trabalho, seja elas econômicas ou subjetivas. A análise dessas questões implica na necessidade de trazer ao centro da discussão elementos que tem

contribuído para esse retorno/continuação no processo de exploração do trabalho imposta pelo capital.

Como ponto de partida do singular, foi preciso conhecer o campo, que foi a área livre do Centro de Abastecimento de Alimentos de Milagres/BA, em dia de feira livre.

Mesmo já conhecendo o local, foi necessário adentrá-lo com outro olhar. Esse contato inicial teve a finalidade de conhecer a dinâmica do local e a forma de trabalho executada pelos entrevistados. O centro de abastecimentos se mostrou um local interessante num primeiro momento, ao passo que a feira livre é um local que os idosos costumam frequentar com assiduidade. No nordeste brasileiro é onde vamos encontrar mais forte essa relação, não só na importância cultural, mas também socioeconômica.

Nas últimas décadas, observamos o crescimento da migração dos jovens para as grandes cidades, em decorrência de melhores oportunidades de trabalho e estudo, assim, os trabalhos eventuais, informais, de troca e venda de produtos tem sido designados aos que se estabelecem por ali, entre eles os idosos que mesmo aposentados escolheram permanecer trabalhando, sem a necessidade de obedecer horários para realizar suas atividades.

No andamento da pesquisa se revelou interessante explorar o universo dos idosos que vivem no meio rural. Para isso, a ida a campo para buscar conhecer quem são e como vivenciam os tempos da aposentadoria, em outro momento específico, contou com o encontro dos idosos que vivem e executam suas atividades na zona rural do município de Milagres, no povoado do Ponto e de Tartaruga. Esses trouxeram importantes considerações acerca das motivações que os têm levado a continuar o trabalho com o advento da aposentadoria; motivações essas que em alguns aspectos se diferenciam, das dos idosos que vivem na cidade. Como por exemplo, o fato de possuírem o seu pedaço de terra que era cultivado desde antes da aposentadoria e quando se aposentam continuam a utilizá-la como forma de subsistência. Os idosos que vivem no meio rural experimentam o tempo de aposentadoria mais como um incremento na renda, de que uma parada de fato, e nesse período além de continuar a sua atividade agrícola eles também utilizam o pedaço de terra para a criação de bovinos, suínos, caprinos, aves, etc. Seja para a subsistência ou até mesmo para comercializá-los.

Na abordagem dos idosos foi considerada a questão do tempo, para a entrevista, para não torná-la demasiadamente enfadonha, realizando assim, perguntas curtas e mais

objetivas, não descaracterizando a possibilidade de análise das mesmas. No processo de abordagem também. Como afirma Prates, se mostrou importante priorizar o “direito que a população entrevistada possui de ser abordada com respeito, clareza, pertinência, qualidade em termos de estratégias de aproximação e formação de vínculo, o que pressupõe competência profissional” (PRATES; REIS e ABREU, 2000, p. 139).

Assim, depois que houve uma preparação, chegou o momento de entrada no campo. No início houve um pouco de dificuldade, visto que os idosos são naturalmente mais reclusos, a aproximação respeitosa por parte da entrevistadora foi importante e necessária, a fim de não causar qualquer tipo de transtorno. Estabelecido esse vínculo de confiança, as entrevistas foram bem sucedidas e as informações coletadas se mostraram bastante satisfatórias, no sentido de chegar à resposta dos questionamentos levantados.

No que concerne a seleção dos sujeitos da pesquisa ficou delimitado que se faria uma amostra mais reduzida com o objetivo de não comprometer a qualidade na interpretação dos conteúdos. Sendo assim, a consulta se deu junto a 10 idosos. Os critérios utilizados foram importantes para chegar o mais próximo possível do perfil desejado: estarem com 60 anos ou mais, atuarem no mercado de trabalho informal, aposentados, recebendo BPC. Estarem desenvolvendo sua atividade laboral no município de Milagres, seja na cidade ou meio rural.

O estabelecimento de critérios se mostrou importante, ao passo que é preciso qualificá-los em face à diversidade de situações que envolvem os idosos diante das diversas facetas apresentadas pelo trabalho na sociedade capitalista.

O Centro de Abastecimentos foi o principal local de pesquisa, mencionado anteriormente, por se mostrar um espaço em que se tem um grande contingente de trabalhadores informais. No entanto, este não foi o único local visitado, foram feitas entrevistas também na comunidade do Ponto e Tartaruga, dois distritos pertencentes ao município de Milagres. No Centro foram entrevistados trabalhadores que atuam no comércio de produtos alimentícios, como frutas, carnes, verduras e outros. Já na zona rural, a entrevista foi conduzida junto a pequenos agricultores. Esse momento teve como premissa a importância de aprender através do relato dos idosos e as condições que têm propiciado a sua volta ao mercado de trabalho informal.

As conversas informais ao longo das entrevistas tiveram um papel fundamental na busca de compreender os anseios e percepções dos velhos que vivem no campo e também captar informações que muitas vezes não são percebidas ou até mesmo

expostas no momento da entrevista, as entrelinhas se mostraram cheias de informações importantes que até então não haviam sido pensadas e que se tornaram importantes na condução desse trabalho. E também em idéias que poderão desembocar em outros trabalhos na mesma linha de discussão, com outros olhares e outras percepções vinculados à velhice.

Na etapa em que foi realizada a coleta de dados, buscou-se a avaliação dos instrumentos de pesquisa, as frequências das respostas, interpretadas a partir de categorias norteadoras do estudo.

A entrevista semiestruturada foi feita a partir da avaliação de um roteiro que continha somente questões abertas, contemplando os seguintes aspectos: trabalho, aposentadoria, retorno ao trabalho, composição familiar, entre outros. As respostas foram captadas pelo entrevistador nos dias 27 e 28 de dezembro de 2015, a partir de abordagem direta, individual ou no máximo em dupla.

Vale salientar, que antes de estabelecer diálogo foi feito um prévio aviso de qual era a finalidade da entrevista, a instituição de ensino de origem e a motivação pessoal em tratar do assunto. Esse cuidado foi necessário, pois, os entrevistados se mostraram temerosos em oferecer informações sobre suas finanças, mesmo tendo sido abordadas na sua transversalidade.

Outra técnica utilizada para complementar a pesquisa foi a observação simples⁹, uma vez que o contato com a realidade analisada permite adentrar no campo de investigação, captando uma diversidade de situações e fatos. Esses elementos foram importantes e se mostraram como instrumentos fundamentais para verificar os aspectos da pesquisa.

O desdobrar da pesquisa nos seus aspectos metodológicos, circunstanciais, bem como a análise dos dados colhidos, articulando-os em temas centrais de análise previamente selecionados por ocasião da pesquisa à luz das categorias estudadas se

⁹ Por observação simples entende-se aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um ator. Daí por que pode ser chamado de observação-reportagem, já que apresenta certa similaridade com as técnicas

Por observação simples entende-se aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um ator. Daí por que pode ser chamado de observação-reportagem, já que apresenta certa similaridade com as técnicas empregadas pelos jornalistas. GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2007.

guiaram através da coleta de dados, prossegue-se então a interpretação dos mesmos, a partir do materialismo histórico dialético. A função da dialética segundo Gil:

Fornecer as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. Por outro lado, como a dialética privilegia as mudanças qualitativas, opõe-se naturalmente a qualquer modo de pensar em que a ordem quantitativa se torne norma. Assim, as pesquisas fundamentadas no método dialético distinguem-se bastante das pesquisas desenvolvidas segundo a ótica positivista, que enfatiza os procedimentos quantitativos (GIL, 2008, p.14).

Nessa pesquisa, os dados coletados foram analisados a partir da catalogação do material coletado no campo a partir da seleção, entrevista, gravações, observação simples, organização dos relatos, transcrição das gravações, classificação, análise dos dados, transcrição dos relatos, entre outros.

O trabalho tinha como princípio norteador, as condições econômicas que conduziram os idosos ao mercado informal de trabalho no município de Milagres Bahia e teve como resultado a confirmação das hipóteses levantadas no início do estudo. A hipótese do trabalho apontava para duas tendências principais, em que uma é a participação no mercado de trabalho informal como forma de complementação de renda do trabalhador em função do baixo valor dos benefícios, vinculado também aos baixos salários nos anos de contribuição previdenciária, o que acarreta salários baixos, provocando com isso um ciclo vicioso; a outra pelo fato do trabalho ainda se configurar como uma atividade altamente valorativa, principalmente, para aqueles que têm mais de 60 anos, trabalhar num contexto que associa o não trabalho a falta de valor social ante a sociedade é a palavra de ordem para aqueles que desejam ser bem vistos por todos.

Com o processo de reorganização do capital, denominado de reestruturação produtiva, o capital deixou de agir de forma coercitiva para conquistar a classe trabalhadora através da adesão e do consenso. Abalando fortemente a subjetividade do trabalhador. Trabalhar na sociedade capitalista passa a ser uma atividade que confere ao trabalhador o fortalecimento das relações sociais, como pontua Marx ao dizer que é através do trabalho que o homem se realiza como ser social. Dessa forma, quando perde a capacidade produtiva, por motivos de saúde ou pela aposentadoria, o idoso é expulso

do mercado de trabalho, sobrando para eles outras formas de inserção e outras formas de exploração. Com isso fica evidente que a principal motivação defendida pelos idosos de Milagres quando afirmam que voltar ao trabalho é importante no sentido de não ficar parado quer dizer que como apontam os estudos, os idosos que não estão no mercado produtivo são esquecidos e relegados à miséria, viver a dinâmica do trabalho informal por tanto os faz estar inseridos no meio de reprodução de relações sociais.

Não é ganhando dinheiro, é ganhar o tempo, entreter o tempo né? Depois eu venho pra minha casa onze horas, meio dia, venho pra minha casa pra mexer com os bichos, porco, galinha [...] só pra distrair mesmo, não rende nada não, o que faz é quase a conta do carro. Ninguém guenta, eu mesmo não guento, dizer assim, vou parar em casa[...], vou pra roça, distraio...(Entrevistado 7).

Sabemos que o fator econômico está intrinsecamente ligado à essa forma de inserção, de modo que ao adentrar ao mercado informal, o idoso está acrescentando um percentual a mais de renda no seu salário. Apesar de dispor do salário mínimo da aposentadoria o entrevistado revelou que o valor que ele consegue realizando o trabalho informal não garante um acréscimo satisfatório na sua renda, isso fica evidente no momento em que ele fala que o que consegue é a conta do gasto com as despesas do carro.

Não devemos perder de vista as armadilhas que se escondem na fala dos trabalhadores idosos, pois sabemos que na atualidade o capital continua atuando na captura da sua subjetividade, fazendo com que os mesmos não se deem conta da fragilidade econômica em que estão inseridos. Pra isso cabe perguntar: De que forma vivem e como vivem os idosos dos “setores médios”, como classifica DEBERT (2004), como eles experimentam o advento da aposentadoria. Onde aqueles que possuem renda para gastar continuam inseridos nas relações sociais, mas não necessitam adentrar o universo do trabalho, a aposentadoria para esses é um período de descanso, viagens,

constituindo o envelhecimento como as revistas propõem. Esses são apresentados como indivíduos independentes e ativos.

Uma parcela expressiva de indivíduos que, apesar de serem considerados idosos, ainda está em pleno vigor físico, gozando de boa saúde está inserida no mercado de trabalho, mesmo aposentada, assumindo papéis não esperados, como o de suporte a outros membros da família, especialmente a filhos adultos (CAMARANO, 1999).

Todos os idosos entrevistados relataram a sua inserção o mercado de trabalho informal como forma de dar significado à vida e como forma de complementar a renda, em decorrência das necessidades financeiras. Como afirma Camarano,

“em quase todo o mundo tem crescido o período em que os filhos passam como economicamente dependentes de seus pais, na maioria dos casos idosos. Isso se deve à instabilidade do mercado de trabalho, ao maior tempo despendido na escola e à maior fragilidade das relações afetivas. Em ambos os casos, a co-residência de pais idosos e filhos aparece como uma estratégia familiar utilizada para beneficiar tanto as gerações mais novas como as mais velhas” (CAMARANO, 1999).

Ao falarem do mercado de trabalho informal, os idosos, em sua maioria, que residem em Milagres, relataram que desenvolveram outras atividades antes de ingressar no trabalho informal:

Em São Paulo eu trabalhava com malharia e confecções, sempre trabalhei com confecções e trabalhar de empregado, sempre foi assim, mas não aqui, lá fora em São Paulo, né? (Entrevistado 7).

O relato do trabalhador evidencia um traço marcante na trajetória de grande parte dos trabalhadores nordestinos nas últimas décadas, que foi a migração para a região sudeste, principalmente São Paulo. Esses trabalhadores que conseguiram guardar

um dinheiro, retornaram para sua terra de origem com o objetivo de desenvolver alguma atividade que ajudasse na renda. No caso do entrevistado, o dinheiro que conseguiu juntar foi importante para que ele pudesse comprar um sítio, onde cria seus bichos, e também um carro o qual ele utiliza para carregar feirantes, entre a cidade vizinha Amargosa e o povoado que reside.

Já os idosos entrevistados no meio rural relataram desenvolver atividades agrícolas mesmo antes da aposentadoria e com o advento da mesma, continuaram no mesmo tipo de serviço. Grande parte dos relatos trouxe uma menção do trabalho como uma atividade valorativa que deve ser cultivada, revelada esta como uma atividade carregada de valor ético e moral.

É pra não ficar quieto em casa. Não sei acordar de manhã e ficar denti casa de bobeira, nem ficar na rua, na rua é problema. (Entrevistado 7).

Como no Brasil a legislação permite que o aposentado volte ao mercado de trabalho sem nenhuma restrição, essa aposentadoria “precoce” pode não significar uma saída do mercado de trabalho.

Eu trabalho desde idade de 8 anos, desde pequeno meu pai me botou pra trabalhar, pegava castanha, torrava pra vender na feira de Amargosa. (Entrevistado 8).

A fala do entrevistado revela uma certa consciência do trabalho na infância como algo necessário e inquestionável. Foi observada na fala dos idosos que todos eles se inseriram no trabalho precocemente, ainda antes da adolescência, ajudando os pais.

Ainda segundo Vilma Paiva (1996), os que não produzem ou os que se dedicam a atividades não produtivas têm o seu valor social diminuído: “O verdadeiro valor é a

produtividade, isto é, vale mais quem produz ou quem usa sua força de trabalho para produzir bens e capital” (PAIVA, 1996, p. 110).

O homem da roça tem seu valor, que trabalha. Eu sou homem da lavoura, um lavrador cai por cima de tudo, faz fartura no Brasil. (Entrevistado 10)

Esses menino que fica ai na rua não trabalha é porque não quer, trabalho tem, eles não trabalha porque os pais não ensinou. (Entrevistado 8)

Essa representação de que o trabalho é visto como instrumento de pertencimento social é característica de sociedades onde o trabalho ocupa o espaço mais importante que o lazer, o que é justificado pela concepção de que o trabalho dignifica o homem. A sociedade capitalista industrial passou a considerar o trabalho como o principal objetivo da vida do ser humano e não apenas como um dos elementos. A existência ou não de trabalho exerce influência na auto-estima e no sentido de valor pessoal de cada um. O trabalho é fonte constitutiva da identidade do indivíduo.

Trabalhar na roça, pra mim não tem outra diversão não. De primeiro, diversão boa era caçar, mas hoje acabou isso, me cansei, Eu não sei chegar ali na rua e ficar ali batendo papo um com o outro, eu não sei, eu não gosto. (Entrevistado 10)

Observa-se no caso do entrevistado que o trabalho não tem o significado de complementar a renda e sim de independência e combate à inatividade.

De acordo com Camarano (1999), “o brasileiro culturalmente, não entende a aposentadoria como cessação da atividade laboral; seja pelas más condições financeiras que os obrigam a retornar ao trabalho, seja pela idade precoce da aposentadoria”.

Assim, o retorno ao trabalho se torna uma questão a ser analisada por dois lados, um significa que os valores dos salários são muito baixos e outra é a necessidade de integração social.

Observou-se também a dificuldade de revelar se possuíam aposentadoria ou não, alguns negaram, mas quando foi discutida a forma de acesso da mesma e os direitos garantidos à pessoa idosa, enfim ficou evidente que recebiam sim o benefício, apenas se negaram a revelar essa informação por questão de segurança. Esse resgate não é fácil devido a uma série de fatores relacionados, inclusive pela confiança no entrevistador.

No que concerne à profissão antes de aposentar, observou-se que quase todos os aposentados são oriundos de trabalhos subalternos, ou seja, são trabalhadores que não puderam contribuir com a previdência complementar, que é um benefício opcional, que proporciona ao trabalhador um seguro previdenciário adicional, conforme sua necessidade e vontade. É uma aposentadoria contratada para garantir uma renda extra ao trabalhador ou a seu beneficiário. Os valores dos benefícios são aplicados pela entidade gestora, com base em cálculos atuariais. (MPAS, 2015).

No que se refere às condições financeiras, quando indagados se o valor de suas aposentadorias era suficiente para suprir as despesas, foram unânimes em afirmar que não. Embora parte deles afirma ser “ruim com ela, pior sem ela”. Quando indagado sobre o valor da aposentadoria, se este seria suficiente para suprir as suas despesas, a afirmativa do entrevistado foi:

Ah, se dobrasse era mais mió, pra mim dá, não dependo de negócio de médico, de remédio[...]se tratando do dinheiro do trabalho não dá nem pro sal, porque eu não tou me lucrando ainda. (Entrevistado 10).

Para o grupo de idosos que vê o trabalho depois da aposentadoria como algo positivo. Uma das razões para essa retomada é o aumento das despesas. No caso do entrevistado acima, a razão do salário ser suficiente para ele se dá pelo fato do mesmo dispor de boa saúde, entretanto, mais uma vez é visível que a atividade desenvolvida

pelo mesmo tem um caráter econômico, já que ele avalia que essa atividade ainda não está lhe garantindo lucratividade.

Só da merma pra o alimento, pra juntar também não dá, porque vem luz, vem água, vem remédio, vem a comida, tudo é despesa, as vezes não tem condições de lavar roupa, tem que pagar a alguém prá lavar roupa, então o dinheirinho é só a conta de aquilo ali, sabendo, porque se não souber, não dá, porque se dizagerar nas compra merma de casa, acaba. (Entrevistado 5).

Ou seja, tudo que foge da rotina de despesas do idoso pode vir a causar um desequilíbrio nas suas finanças. Observamos claramente como esse desequilíbrio tem propiciado pobreza extrema a idosos que tem acessado os empréstimos oferecidos pelos bancos a juros exorbitantes, sendo uma das estratégias empregadas pelo capital e pelas instituições financeiras para atrair os idosos. Tem causado um rombo nas aposentadorias, tendo em vista a facilidade em acessar esse dinheiro fácil, geralmente eles são conduzidos junto aos seus filhos ou responsáveis.

Não pretendo me ater nessa discussão mais detalhadamente nesse trabalho, embora ache bastante importante que esse tema seja mais abordado pelos estudiosos do envelhecimento, já que é uma tendência crescente essa forma de atuação dos bancos, assim como tem propiciado a precariedade extrema na vida dos idosos, sendo também uma das causas da necessidade de trabalho remunerado para que os idosos possam cobrir essa falta que os empréstimos acarretam. Do outro lado, aqueles idosos que não podem estar inseridos no mercado de trabalho por causa de doenças, têm sofrido ainda mais as consequências desses descontos.

Envelhecer na sociedade atual é um ‘mal’ em que se busca a todo tempo ser evitado, a aposentadoria se torna o limite entre a produtividade a inatividade, nesse caso a inatividade na cabeça dos trabalhadores envelhecidos se associa à inutilidade. Assim, a aposentadoria seria a perda do seu papel social e produtor, levando-os a uma crise de identidade. Trabalhar, para o idoso aposentado, pode significar renda mais elevada, bem como autonomia física e social (CAMARANO, 1999). Ainda de acordo com Delgado,

O contexto contemporâneo tem produzido mecanismos que visam interpelar a subjetividade do idoso, sobretudo no sentido de sua constituição como indivíduo autônomo, quer através da linguagem do direito, do consumo, da possibilidade de controle do corpo e da manutenção das redes de sociabilidade, bem como através da idéia de que a responsabilidade pelo envelhecimento é exclusivamente individual. (DELGADO, 2007).

É importante notar que o trabalho é tido para o idoso como um instrumento de significação à vida e para muitos, a perda do trabalho significa acelerar o processo de empobrecimento e envelhecimento. Eles revelam o desejo de continuar trabalhando por muito tempo ainda, ou até quando a sua capacidade física permitir.

Como foi visto, os entrevistados retomaram o trabalho informal por dois motivos principais: É muito importante ressaltar ainda que além do forte motivo financeiro para o retorno ao trabalho, há outros fatores que motivam o retorno ao trabalho informal, esses de cunho subjetivo, como a necessidade de combater a solidão. Alguns estudiosos divergem dos motivos quais são.

Diante dos relatos esboçados acima fica claro que a compreensão que os idosos pesquisados tem do trabalho é que ele é substrato de inscrição social, pois representa o pulsar da vida. Apesar de contribuir decisivamente para a renda familiar, procuram o trabalho que ocupe o seu tempo livre de forma prazerosa quase como um lazer, sem horários, sem rotinas, apenas pela vontade de se sentir útil. Para esses idosos a parada nas atividades do cotidiano, significa morte. Aqui, não é o caso. Eles querem é viver mais e com mais qualidade.

SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos dessa pesquisa apresentados a seguir são idosos de origem rural, com mais de 60 anos de idade, aposentados e que atuam no trabalho informal, em Milagres. Vale salientar que, os nomes aqui mencionados são fictícios.

Entrevistado 1: Seu Juvêncio tem 73 anos de idade é aposentado, sua profissão é de vaqueiro, trabalha com a venda de abacaxis, aos domingos, na feira livre, ele é originário da cidade de Maracás, hoje reside em Milagres é aposentado, sua família é composta por quatro pessoas, ele a esposa e dois filhos, quando perguntado sobre quem é o responsável pela família, ele afirmou ser ele próprio.

Entrevistado 2: Dona Simone tem 65 anos de idade, também trabalha na venda de abacaxis, sua profissão é de agricultora é originária de Nova Itarana, é companheira de seu Juvêncio, é aposentada, ela também declarou seu Juvêncio como responsável pelo seu domicílio.

Entrevistado 3: Dona Francisca tem 63 anos de idade, trabalha na agricultura, é originária de Seabra, reside com seu esposo o seu Joel, no distrito do Ponto, tem 7 filhos, no entanto somente 2 residem com o casal, declarou seu esposo como o responsável pelo domicílio.

Entrevistado 4: Seu Kalil tem 73 anos de idade, trabalha na agricultura junto com sua esposa dona Cida e é de Amargosa, é aposentado, não possuem benefícios complementares, somente a aposentadoria.

Entrevistado 5: Seu Francisco tem 65 anos de idade, é agricultor, trabalha na agricultura em Tartaruga, tem 7 filhos, somente uma vive sob sua tutela, vive com sua esposa, se declarou responsável pelo domicílio.

Entrevistado 6: Seu Henrique tem 69 anos, sua profissão é passador de carne, segundo ele, compra a carne para revender na feira livre de Milagres e cidades circunvizinhas, possui três filhos, mas nenhum convive com ele, vive somente com a sua esposa, se declara responsável pelo domicílio.

Entrevistado 7: Roque tem 68 anos de idade, trabalha como taxista/ pracista, na juventude trabalhou no ramo de confecções, na fabricação, era proprietário, depois trabalhou como açougueiro, é de Amargosa, hoje vive em Milagres, vive com a filha, o genro e os dois netos, considera o genro como o principal responsável pelo domicílio.

Entrevistado 8: André tem 70 anos, trabalhou vendendo água a vida inteira, hoje vende castanha, amendoim e rosários de Ouricuri na feira livre de Milagres, mora sozinho, mas afirmou ter uma companheira eventual.

Entrevistado 9: Manoel tem 77 anos, é de origem rural, trabalhou como vaqueiro, hoje vive no povoado de Tartaruga, comercializa frutas e verduras que ele próprio cultiva, vive com a esposa e se declara responsável pelo seu domicílio.

Entrevistado 10: Luciano tem 72 anos, sempre trabalhou na agricultura, nasceu e cresceu no mesmo município que reside, é aposentado e mora sozinho, ainda trabalha na sua própria roça, onde se dedica ao cultivo de mandioca para a produção de farinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o descarte do trabalhador idoso no capitalismo contemporâneo e sua reutilização pelo capital no contexto de crise estrutural do capital, pode-se esboçar a partir desse processo investigativo exposto nos capítulos anteriores, algumas considerações finais.

A grande questão levantada nesse trabalho buscou compreender as particularidades do envelhecimento do trabalhador na contemporaneidade, centralizando minha análise na perspectiva de desvendar os elementos constituintes da problemática social do envelhecimento para os trabalhadores submetidos à exigência de vender sua força de trabalho para a sua sobrevivência. De forma geral, meu objetivo foi constatar como se dá o tempo de vida do trabalhador regido pelo tempo da mercadoria. Tempo esse que ele precisa se submeter mesmo depois da aposentadoria, agora com uma nova roupagem, traduzido no trabalho informal.

Tendo em vista as análises desenvolvidas até aqui, a primeira conclusão a que se chega é que as discussões associadas ao envelhecimento na atualidade se acirraram a partir dos anos de 1990 e acabaram por delinear questões que essencialmente estão além da degradação física e desvalorização social. Considerando que os trabalhadores idosos perdem o valor de uso para o capital, as refrações da questão social relativas ao envelhecimento e trabalho constituem elementos determinantes dessa problemática, principalmente no que diz respeito às condições econômicas que esses idosos estão submetidos.

De outra forma, não querendo subestimar as questões inerentes da degradação física desses trabalhadores, já que esta é um dos elementos determinantes do processo de exclusão do mercado de trabalho, o que se coloca em evidência é que a agudização da crise da década dos anos de 1970, decorrentes da crise do Welfare State, mesmo em um cenário internacional, acabou atingindo a todos os trabalhadores implicando para os idosos das chamadas classes subalternas a expulsão do mercado de trabalho, por meio da aposentadoria. Assim, como os mais jovens, essas determinações atingiram duplamente a população idosa. Tendo em vista que o para o capital a força de trabalho é um dos fatores determinantes para a sua valorização, o trabalhador envelhecido por

conta da idade biológica e da espoliação das suas capacidades físicas é retirado do mundo do trabalho produtivo. Em decorrência das necessidades materiais e da redução do valor dos benefícios, esses idosos têm sido obrigados a buscar novas formas de subsistência, onde a falta de um acréscimo no valor de sua aposentadoria tem caracterizado para eles as restrições ao acesso de bens e serviços básicos a subsistência, agravando as dificuldades e limitações inerentes à velhice. Ao mesmo tempo, que os idosos atingem o tempo reservado para o descanso, eles também passam a ter um incremento das despesas.

E nesse sentido, afastado completamente do trabalho, agrava-se ainda mais sua condição de dependência. Envelhecer para o trabalhador idoso nos ditames do capital, traz para a vida desses indivíduos, não apenas questões econômicas, como também de valores subjetivos e culturais. O tempo de vida do trabalhador que envelhece sob a lógica do capital será sempre um tempo subordinado, mesmo depois de aposentado, seja através das iniciativas de retorno ao trabalho informal, seja através da captura de sua subjetividade.

Analisando o retorno do idoso ao mercado de trabalho informal após a aposentadoria, buscou-se desvendar os conjuntos de elementos motivadores desse retorno, elementos esses que na sociedade capitalista se encontram mascarados. O desencadear do trabalho revelou surpresas, que foram de encontro com as hipóteses levantadas, nas considerações iniciais do estudo. Ou seja, houve uma inversão das hipóteses previstas para esse trabalho, o que se configura como um fator positivo, tendo em vista que a sociedade é um constante movimento, não se pode apreendê-la por completo, num dado momento histórico ou em uma determinada situação.

Verifica-se então, que ao assumir os postos de trabalho informal o idoso continua a ser explorado pelo capital, sem vínculo empregatício formal, sua atuação se converge numa atividade lucrativa para o capital, como instrumento meramente quantitativo, mas carregada de valor para o trabalhador que a executa, onde aquele que não se encontra inserido no mercado de trabalho formal enfrenta todo tipo de estigma social. No trabalho os idosos encontram a sensação de pertencimento, onde trabalhar lhe confere um caráter positivo perante a sociedade, impondo aos trabalhadores motivações para continuar no processo produtivo.. Assim, “*o capital mais uma vez cumpre seu papel, escamoteando seus reais interesses*”. Esse é um ponto central na discussão

empreendida nesse trabalho, e sua revelação depende de certa técnica que seja capaz de ilustrar claramente os mecanismos de controle opressivo dos trabalhadores pelo capital.

Outro ponto importante destacado nesse trabalho, se revela à medida de que quando não atua diretamente como produtor de valor-de-uso/valor-de-troca, o trabalhador passa assumir o papel de consumidor de mercadorias, com desejos e necessidades pré-estabelecidos pelo capital. No entanto, o que se evidenciou nesse trabalho, não foram as diferentes formas de envelhecer segundo as condições econômicas, de cada um, mas sim, como tem sido vivenciado o envelhecimento dos trabalhadores destituído dos meios de produção (exceto sua força de trabalho).

Nessa perspectiva, é notório que os idosos sujeitos desse estudo, inseridos numa relação de retorno ao trabalho, não reconhecem os elementos negativos que constituem esse processo. O que pode se verificar com isso foi que a maioria desses idosos reconhece a defasagem do valor de suas aposentadorias e a desproporção existente entre suas receitas e despesas, mesmo assim, a justificativa dos mesmos, quando indagados sobre o retorno ao mercado de trabalho, mostrou-se como algo extremamente necessário, carregado de valor moral. Embora justifiquem a inserção no mercado de trabalho uma estratégia de fortalecimento das relações sociais, fica evidente também que a maioria deles enquadra o trabalho como um meio de garantia de uma melhor forma de subsistência, aliada também ao fato de estar em movimento constante, tirando-os do sedentarismo que na visão deles é uma das causas do aparecimento de doenças físicas e psicológicas. Nesse sentido, a inserção no mercado de trabalho, na visão desses idosos apresenta um caráter muito positivo. Portanto, os motivos de retornarem ao trabalho se diversificam em torno de um elemento central, que é o capitalismo e suas formas de atuação, seja de cunho subjetivo, econômico ou social. Vai desde a complementação da renda, como também a valorização pessoal, pela função valorativa que o trabalho representa na sociedade capitalista.

Se analisarmos o valor dos salários, ou seja, o salário mínimo, que é o valor da renda fixa da maioria dos entrevistados e relacionarmos com os gastos com alimentação, medicamentos, roupas, ajuda a filhos e netos, gastos pessoais, entre outros. A única saída imediata para esses trabalhadores se dá através do trabalho.

Essas causas estruturais revelam que o trabalho abriga um duplo sentido no imaginário social, de negação e de objetivação do ser social. Muito importante ressaltar que a maioria das falas se deteve a representar o significado do trabalho como aquele

percurso que deve ser contínuo, pois, não desejam aquele momento de ‘parada’, acreditando com isso, que o cessar do trabalho representa a aceleração do empobrecimento, bem como o aumento das doenças.

Diante do exposto, o trabalho precisa ser uma opção diante de tantas outras possibilidades de realização pessoal, para aqueles que pelo curso normal da vida deveriam estar desfrutando da velhice e do descanso.

ANEXO



Centro de Artes Humanidades e Letras

Colegiado de Serviço Social

ENTREVISTA

PERFIL

Nome do Entrevistado:

Idade:

Data da Entrevista:

Ocupação:

Profissão:

Cidade de origem:

Composição familiar:

Aposentadoria:

Benefícios complementares:

Responsável pelo domicílio:

RAZÕES QUE O LEVOU A DESENVOLVER UM TRABALHO INFORMAL

PERCEPÇÃO ACERCA DO TRABALHO NA VIDA DAS PESSOAS IDOSAS EM MILAGRES

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, P. **Balço do neoliberalismo**. (In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995).
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses do mundo do trabalho, 4ª. Ed., São Paulo: Cortez, 1997.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.
- BAUMAN, Zigmunt. **Vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2008.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.
- BRAZ, Marcelo; NETTO, José Paulo. **Economia Política: Uma Introdução Crítica**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- CAMARANO, A. A. (org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, dez de 1999.
- CAMARANO, A. A. **O idoso brasileiro no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: IPEA, (Texto para Discussão, 830), out de 2001.
- CÉSAR, M. de J. **Responsabilidade social: novo ethos do discurso empresarial**, 2008.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1999.
- DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1987.
- DELGADO, J. **Memórias de velhos trabalhadores aposentados: estudo sobre geração, identidade e cultura**. Tese de doutorado, UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.
- FERRIGNO, J. C. **O estigma da velhice: uma análise do preconceito aos velhos à luz das idéias de Erving Goffman**. Terceira Idade. São Paulo: SESC, n.13, p.48-56, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2007.
- GOFFMAN, E. **Estigma-Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada**, Brasil, Zahar Editores, 1993.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 11ª ed. RJ/SP: Record, 2009.

GONÇALVES, H. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HOBBSBAWN, E. (Org.). **História do marxismo**. Vol. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

IAMAMOTO, M.V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**. Capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2007.

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 8, 2002, Juiz de Fora. *Anais...* Minas Gerais, 2002. 1CD-ROM.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2008. Rio de Janeiro, 2008.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. :4ª ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.

LESSA, S. **A centralidade ontológica do trabalho em Lukács**. Serviço Social e Sociedade, Ed. Cortez, nº52, 1996.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. 2ª Ed. Tradução Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. – São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1998. (Livro 1)

MENDES, M.R.S.S.B.; Gusmão, J.L.; Faro, A.C.M.; Leite, R.C.B.O. **A situação social do idoso no Brasil**: uma breve consideração. Acta Paul Enferm.; vol.18, no.4, 2005

MESSY J. **A pessoa idosa não existe**. (Tradução JSM. Werneck). São Paulo: Aleph; 1999.

MÉSZAROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC – ABRASCO, 1996. _____ (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 8ªed. Petrópolis: Vozes, 1992.

MOTA, Ana Elizabete. **Cultura da crise e seguridade social**: um estudo sobre as tendências da previdência e da assistência social brasileira nos anos 80 e 90. São Paulo: Cortez, 1995.

MORAGAS, R.M. **Gerontologia Social: Envelhecimento e Qualidade de Vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

NEDER, Vinicius. **O potencial de consumo da terceira idade**. *JORNAL DO COMÉRCIO*, RJ, 15 de fevereiro 2005.

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecer bem no trabalho: possibilidades individuais, organizacionais e sociais**. *A Terceira Idade*. São Paulo: SESC, v.13, p. 7-27, abril 2002.

PAIVA, Vilma Maria Barreto. **A velhice como fase do desenvolvimento humano**. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 4, n.1, 1986.

PEREIRA, Potyara A. P. **A política social no contexto da seguridade social e do Welfare State: a particularidade da assistência social**. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo: nº 56, Ano XIX, Cortez, 1998.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. São Paulo, Boitempo, 8ªed.). São Paulo: Paz e Terra, 2001.

PRATES, Jane Cruz; REIS, Carlos Nelson; ABREU, Paulo Belmonte de. **Metodologia de pesquisa para população de rua: alternativas de enfrentamento pelo poder local**. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo, nº 64, Ano XXI, Cortez, novembro 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry; **Pesquisa social: métodos e técnicas**, 3. ed.-14 .reimpr.- São Paulo, Atlas, 2012

SASAKI, M. A. **Trabalho informal: escolha ou escassez de emprego?** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2009.

SALGADO, Marcelo Antônio. **A mulher na Meia-Idade: verdades e representações**. *A Terceira Idade*. São Paulo: SESC, nº 11, p. 9, março. 1982.

SANTANA, M. A. **O mundo do trabalho em mutação: as reconfigurações e seus impactos**. *Cadernos IHU Idéias*, 3(34), 1-22. São Leopoldo, 2005.

SILVA, Aristóteles de Almeida. **O capitalismo tardio e sua crise: estudo das interpretações de Ernest Mandel e a de Jürgen Habermas / Aristóteles de Almeida Silva**. -- Campinas, SP: [s.n.], 201, 1981.

TAVARES, M. A. **Trabalho informal:** os fios (in)visíveis da produção capitalista. Revista Outubro, n. 7, Instituto de Estudos Socialistas, 2002.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital:** implicações para a proteção social no Brasil/Solange Maria Teixeira. —São Paulo: Cortez, 2008.

VERAS, Renato Peixoto. **O Brasil envelhecido e o preconceito social.** In: _____. (Org.) Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: Relume – Dumará: UERJ, UnATI, 1999.

VOLNOVICH. **Grupos, infância e subjetividade.** Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

SITES PESQUISADOS

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. Disponível em:
<estatísticos/DadosobreoenvelhecimentoonoBrasil.pdf>. Acesso em 28 de dezembro de 2015

INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA. Disponível em:
<<http://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em 21 de dezembro de 2015>.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Disponível em:
<http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/politica_idoso.pdf>

<http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=58&Itemid=76&idrev=8. Acesso em 14 de janeiro de 2016>

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. Disponível em
<http://www.previdencia.gov.br/>> Acesso em 26 de fevereiro de 2016

REVISTA USP: DEBERT. G.G. Disponível em:
<<http://www.usp.br/revistausp/42/06-guitagrín.pdf> . Acesso em 04 de janeiro de 2016>

